



CURSO DE MESTRADO
EM ANTROPOLOGIA

José Maria Tenório Rocha

12

O SILÊNCIO CONIVENTE

**Estevão Pinto, Etnólogo:
Trajetória Intelectual
e Opções Teóricas**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Recife - 1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

O SILÊNCIO CONIVENTE
*Estevão Pinto, Etnólogo:
Trajetória Intelectual
e Opções Teóricas*

V.2

OSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador:

Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta

Recife
1992

CPD PE000017766 LOCAL BC
REG 92/02314BC
CHM 39/R672S//TESE/BC
OBS EMPR/PROIBIDO

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA
50.739 - Recife - Pernambuco - Brasil

2314 11/11/92 PW

ACERVO: 44445

IV.06

2.5
UMA POSSÍVEL "CO-AUTORIA" OU CRÍTICA ANÔNIMA
PARA "OS INDÍGENAS DO NORDESTE"

Numa visão correta de conceber os estudos e as reflexões antropológicas como algo vivo , dinâmico , passível de ser constantemente repensado , refeito , na medida ' do avanço do conhecimento científico , cabe aos que se debruçam na análise das "obras feitas" atentar não apenas para o que foi escrito e estabelecido como verdade , também , para como essa obra foi vista por outros autores e críticos contemporâneos, ou os que vieram posteriormente, em razão de ser

"O pensamento científico não (...) um esquema ' rígido e único como querem os sociólogos que se opõem a qualquer investigação não baseada na manipulação exclusivamente quantificadora de ' variáveis".(IANNI,1976:17)

A importância da crítica de consagrados estudiosos é indiscutível , no entanto se faz necessário atentar--mos também sobre o pensamento de "autores" ou "pensadores" menos consagrados e mesmo os anônimos.O que esses anônimos disseram , pensaram ou escreveram sobre a obra estudada , constituído por idéias acertadas , coerentes ; e mesmo as mais desconexas,também devem se constituir motivo de preocupação , afinal , nada é feito em vão e sem nenhum interesse. Quando nada representa , pelo menos deve-se enxergar uma espécie de desabafo , feito em determinado momento ocorrido ' na leitura, pois

"Como nos ensinou Mauss , é a sociedade que legitima algumas de suas criações , seja a magia ou o trabalho do antropólogo.Sem o reconhecimento da sociedade , o trabalho do cientista ' social não existe socialmente" (PEIRANO,1984:16)

Na estafante procura das obras esgotadas de Estevão Pinto , deparamo-nos com a "primeira" de suas obras etnológicas, publicada em volume , em forma de livro : "Os Índigenas do Nordeste" (de 1935), em um dos alfarrábios da Rua da Roda, no Recife : o "box" de Marcus Livreiro.

Após a observação do estado da mesma , verificamos que o antigo proprietário havia inserido e colado em nove de suas páginas , certos comentários manuscritos , com expressiva caligrafia e idéias a serem pensadas.

O livreiro , que pedira uma vultuosa quantia pela obra , alegando ser a mesma muito rara e de boa encadernação , afirmou , para vender mais rápido : "esses papéis pregados não são nada demais, você leva e em casa corta com uma gilete bem amolada, e fica tudo certo". Ajustei o preço e consegui tal livro.

Na primeira verificação feita , observei que o antigo proprietário mandara encadernar o livro e apor na lombada , em letras douradas , ao invés do nome do autor , seu próprio nome : Orley Mesquita . Mesquita deve ter vendido o livro a outrem, que após sua assinatura no frontispício , de forma ilegível e escrita com caneta chamada na época, popularmente, "bico-de-pato" . Essa assinatura seria Maura Querque (A) Clemente ? Vem datada do RE (Recife ?), 28-6-1935.

Um terceiro personagem , possivelmente um terceiro proprietário , que se assinava pelo sobrenome Monteiro , foi o autor das notas que ora criticam , ora ratificam o texto de Estevão Pinto , constituindo uma espécie de complementação ou atualização do mesmo.

Ao que tudo indica , pela verificação da nota nº 8 , onde o autor da mesma afirma: "isto eu sabia , dizia e ensinava" , Monteiro nos faz crer que era professor ou pelo menos pessoa que sendo possuidora de certos conhecimentos ,

era ouvida e acreditada.

As notas elaboradas em pequenos pedaços de papel almaço , em várias formas e tamanhos , também foram escritas com caneta "bico-de-pato" , com tinta preta e de forma legível , não fora a primeira delas estar rasgada em sua margem superior direita , teríamos uma leitura integral das mesmas.

Para melhor leitura de tais notas , damos as características de cada uma delas , vez que não são uniformes e as transcrevemos atualizando a ortografia.

Tentando vislumbrar a importância dessas notas atualizadoras e complementadoras da obra em apreço , enxergamos sua validade documental em Maffesoli , através da ótica do mestre Roberto Motta , seu apresentador , quando afirma :

"O conhecimento empírico ultrapassa as construções racionalizadoras. Precisamente aí se encontra a grandeza e ao mesmo tempo a maior limitação da sociologia , necessariamente inacabada' (inachevéé) já que a própria vida social é inacabada , superando qualquer condicionamento estrutural. Daí a urgência com que se deve opor ' a moleza da noção à rigidez do conceito". ' (MOTTA, 1988:9).

O EXAME DAS NOTAS

NOTA 1

Inserida entre as páginas 10 e 11 , de tamanho 7,5 cm. x 7,5 cm. com um trecho rasgado na margem direita' parte superior.

Trata-se da ratificação da afirmativa de Este-

vão Pinto , quando o autor informa , à p.11 :

"Ficções não menos pitorescas são os supostos hieróglifos da Gávea (Distrito Federal)".

Diz o autor da nota :

"Não existe tal inscrição , foi troça que fizeram ao Dr.Ladislau Neto.Leia-se (rasgado, seria a obra?) "Fastos do Museu Nacional" do Rio de Janeiro (rasgado, seria de autoria de ?) J.B. de Lacerda (rasgado, seria à página...?) e terá a explicação da troça, tal como foi feita e acreditada por Ladislau Neto"

Monteiro.

A respeito do tema , CF. DUARTE (1950:213-228), especialmente o capítulo XIII:"Questão da inscrição fenícia' apócrifa".

NOTA 2

Entre as páginas 32-33 , papel com medidas 10,5 cm. x 8 cm.

À p. 32 da obra , afirma Estevão Pinto que Paul Ehrenreich não acreditava ser os sambaquis obra dos índios do grupo gê , pois os mesmos não eram pescadores marítimos e nem comedores de ostras.Trata em seguida de notificar o achado , feito em sambaqui , referido por Simoens da Silva , de um"objeto de diábase" de forma trapezoidal , que supõe ser insígnia de chefe.

Na nota impressionista de Monteiro , o mesmo expõe sua opinião, nos termos :

"Não vejo razão para considerar tais objetos insígnia de chefe , e não sei se , os indígenas, livres como eram, (não) tinham chefe na paz. Para mim só na guerra eles obedeciam ao mais

valente , experiente a tudo tomando parte em muitos combates".

Na nota referida , aparece uma partícula negativa -não - que na cópia , colocamos entre parênteses , por tal advérbio certamente ter sido colocada em data posterior, e obviamente , não ter sido feita pelo autor da nota ; a coloração da tinta bem diz .A negatividade do termo mudaria totalmente o sentido que o anotador queria imprimir.

NOTA 3

Situada entre às páginas 56-57 , de tamanho 8 cm. x 17 cm.

Observando as legendas dos desenhos (p.57), onde se escreve : "Figuras fálicas do Aracuagipe , na Paraíba-do-Norte (Diálogos das Grandezas do Brasil)" , o autor das notas faz a seguinte observação :

"Porque razão chamam a isto figuras fálicas , quando nenhuma semelhança tem e menos ainda a 3ª ?

Embuídos das idéias dos cultos egípcio , assírio , caldaico , etrusco , e até latino , querem ver em tudo cultos iguais ou semelhantes. O indígena era supersticioso , tinha receio da Caapora - de Tupan , que identificavam ao trovão etc. , mas culto não tinha. Mas, para mostrar erudição apegam-se a tudo querendo tudo 'comparar'".

NOTA 4

Colocada entre às páginas 66 e 67 , com tamanho 9,2 cm. x 17 cm.

A nota tenta dar descrédito as interpretações '

feitas às figuras rupestres , achando-as invencionice ou ' excesso de imaginação , isto vem a propósito da interpreta-- ção feita pelo autor a p.66 , quando afirma :

"O caráter de certos debuxos (animais bravios ou agoreiros , ou presumivelmente malígnos ; máscas ras ; figuras demoníacas) e sua ligação com os iguaçus e cachoeiras ,--tudo indica que esses ' glifos rupestres foram traçados com ' intuito ' propiciatório ou mágico".

A visão de Monteiro difere frontalmente da do au tor :

"Para mim o indígena não passa de uma grande cri ança , as figuras humanas e de animais tão gro- tescos, tais como as crianças as traçam , as ve- zes mesmo são tudo quanto há de mais primitivo; o que eles fa (zem?) melhor são os arabescos e isto compreende-se. Acreditar que há algo de in- tenção nas figuras traçadas nas rochas , é ir ' muito longe ; são desfastios de crianças mais ' nada, intenção não há ; algumas são sulcos traça- dos pela água , como as da Gávea , onde já um sá-- bio conseguiu ler , (diz ele) palavras fenícias. Com um pouco de imaginação e o conhecimento de antigos alfabetos pode-se ir longe".

Monteiro.

NOTA 5

Situada entre as páginas 72 e 73, com 10 cm. x ' 14,3 cm.

A nota surge a propósito da discussão do autor ' a respeito do autoctonismo. Comenta o anotador:

"É a mania da monogamia da Bíblia ; sou poligamista e acho que o homo americano , pelo menos' o do sul, era autóctone.

Se Deus ou a natura poude fazer uma espécie,não sei porque não poderia fazer mais uma, é claro. Que há diferenças anatômicas os cra(ne)os de monstram ; uns são chatos outros alongados,etc. Numa mesma raça eles tem diferenças.Entre os ho mens há diferença,compare-se um europeu fran-- cês , ou alemão a um fidigiano e a diferença ' res(s)alta".

Monteiro.

NOTA 6

Colocada entre às páginas 78-79 , de tamanho ' 9,5 cm. x 7,2 cm.

A nota surge motivada pela informação do autor' que afirma a p.78,79:"Ludovico Schwennhagen acaba de desco brir em Pajeu ,nas circunvizinhanças de Vila-Bela (Pernambu co), ruínas de 'uma estação da grande empresa de penetra-- ção e mineração , organizada pelos engenheiros egípcios,que chegaram ao nordeste do Brasil na época de setecentos a qui nhentos anos antes de Cristo ,contratados pelos fenícios".

Para Monteiro,"Esse Sr.Schwennhagen nunca foi ' levado a sério , pelo menos em Pernambuco.Ouvi' dele uma conferência no Instituto Arqueológico' e sei o que pensar a respeito.Ele não encontrou coisa alguma, porque tudo quanto diz já se co-- nhecia, a interpretação dele é mais que origi-- nal (é) falsa."

Monteiro

NOTA 7

Inserida entre às páginas 84 e 85 , de tamanho ' 9,2 cm. x 11,5 cm.

A nota é motivada pelas afirmações do autor a respeito da validade das narrativas etnográficas dos jesuítas. Monteiro aproveita a ocasião para desfazer dessas informações , não encontrando nelas importância , pois as mesmas são prenhes de fantasias ou por outro lado , adulteradas ' para servir aos propósitos desses padres ; em suas palavras:

"Cuidado , muito cuidado com as narrações de padres ,maxime jesuitas , eles costumam arranjar ' as cousas e os fatos a seu modo , até sofismando a lenda de S.Tomé , para eles identificado a ' Sumé indígena , e outras arranjadas ,pegadas de santos ,marcas de cajados, e tantas outras cousas, que a primeira vista parecem verdades , não são.O principal é arranjar as cousas de acordo ' com o interesse deles".

Monteiro

A respeito da figura lendária e da identificação dada pelos jesuítas, sinonimando Tomé, santo católico , com Sumé figura lendária indígena,CF. LINDOSO (1984 pp.265-286).

NOTA 8

Localizada entre às páginas 168-169, de tamanho ' 9,3 x 13 cm. a nota surge a propósito de informes de Duarte Leite, a respeito de falsos precursores da descoberta de Cabral.Diz a nota :

"Tudo isto eu já sabia , dizia e ensinava,antes ' de Duarte Leite dize-lo ,mas para a geografia ' "

e a História de Pernambuco , será sempre o Cabo de S. Agostinho. Quem tiver lido Herrera e souber geografia, verá que só pode ser lá para o N. o Cabo Horange ou Norte. Ainda há historiadores que dizem ser o S. Agostinho , apesar de todos os dados serem contrários a isto. Como pouca gente no Brasil sabe história, vá que seja".

Monteiro

NOTA 9

Encontrada entre as páginas 250-251, de tamanho 6,2 cm. x 6,5 cm. Última nota.

Ao comentário do autor (p.251):

"O espírito da época era, aliás , propício ao regime escravista , por ser o selvagem considerado uma espécie de aberração da natureza", ataca Monteiro:

ca Monteiro:

"Diga o que quizer ,mas o padre, o jesuíta ganhava e fazia comércio de gêneros diversos, a custa do trabalho do indígena. Trabalhavam pro domo sua"

Sem assinatura.

COMO SE FOSSE CONCLUSÃO

Sendo Monteiro professor ,como insinua na nota de número 8 , suas idéias estão mais para o senso comum que para o indivíduo aparelhado com idéias científicas estabelecidas.

Suas notas são em geral pertinentes, pois demonstram pelo menos uma preocupação com o avanço da ciência, na procura do esclarecimento racional para os fatos estuda-

dos e discutidos.

A busca da "verdade" em Monteiro, não se atém apenas a leitura de obras livrescas, vai além, persegue seu objetivo, assistindo a palestras, conferências, tirando delas proveitos de alguma forma, dando contribuição pessoal nas conclusões a que chega na análise das mesmas, mesmo assim, ainda se sente preso a idéias preconcebidas, fruto de leituras em livros didáticos mais simples, não conseguindo com isso "dar um salto" qualitativo, deixando à margem tais idéias, há muito postas no esquecimento.

Indivíduo curioso, Monteiro demonstra ter compulsado obras científicas sérias e "não didáticas", retirando delas idéias e proveito válidos, para aplicá-las a opiniões não tão racionais, mesmo estando preso a noções do senso comum.

Preconceituoso em relação a evidências e inovações da ciência, vê em certos momentos, determinadas hipóteses serem apenas merecedoras de descrédito, como que querendo deter o salto qualitativo na busca da luz e do esclarecimento.

Contraditório e vacilante se põe, por exemplo, na apreciação de certas manifestações como na interpretação das figuras rupestres, como se pode depreender do que afirma na nota de número 4. Em sua concepção, os indígenas são crianças que produzem figuras sem nenhuma intenção. Como conceber ausência de significados em traços, linhas e desenhos outros, se foram feitos por seres racionais, expressando algo em determinado momento? Mesmo se se tratasse de simples "desfastios de crianças", mesmo aí, teria uma significação implícita, pois o mais simples rabisco, tem sua razão de ser e existir; basta perguntar-lhes o que querem expressar.

Materialista ao extremo, Monteiro descredita em toda e qualquer boa intenção da igreja, para si, padres e

principalmente jesuítas são apenas pessoas vis , exploradores e comerciantes , usando a força de trabalho do indígena a seu bel prazer , pois , segundo seu pensamento ,(Nota 7) : "O principal é arranjar as coisas de acordo com o interesse deles".

DESVENDANDO A QUESTÃO

Por intermédio do Prof.Dr.Roberto Motta que conhece Recife e seus personagens mais que ninguém , conseguimos localizar o penúltimo proprietário do livro Orley Mesquita , especialista em história da arte e funcionário público estadual do Recife , lotado no anexo do Arquivo Público Estadual.Através dele , desvendamos partes da história de Monteiro , o autor das notas a "Os Indígenas do Nordeste".

Petrônio Mesquita , primo de Orley , sabendo que este estava desejoso de completar a sua Coleção Brasileira , levou-o a um antigo professor que residia em Olinda , lecionava no Recife , e pretendia vender a sua biblioteca.

Orley e Petrônio foram a casa desse professor , de sobrenome Monteiro e, como ele pedisse uma enorme quantidade por certas obras, Orley nada comprou.Na saída , Monteiro ofereceu como brinde a Orley,o exemplar de "Os Indígenas do Nordeste" e, como este pretendesse que tivesse maior durabilidade, mandou-o encadernar e , erroneamente o encadernador' colocou seu nome na lombada da obra, ao invés do nome do autor, a contragosto do proprietário.

Por ter ido apenas uma vez -uma noite - a residência de Monteiro, que inclusive estava adoentado, o informante não sabe seu nome completo , sabe apenas que esse professor tinha algumas ligações com pessoas da Academia de Letras de Olinda.Soube, anos depois , que ele havia falecido , na década de oitenta, em sua cidade.

A obra em foco já fora ,segundo Orley comprada de "segunda mão" por Monteiro, que ali afixara tais notas críticas; o primeiro proprietário teria sido Maura Querque (A) Clemente, de assinatura ilegível.

As informações prestadas por Orley ,bastante pertinentes, nos permite traçar um quadro da seguinte ordem : Primeiro proprietário Maura Querque (A) Clemente, que comprou o livro no Recife , na data de 28 de junho de 1935; Segundo proprietário Monteiro, o autor das notas ; Terceiro proprietário Orley Mesquita, que mandou encadernar a obra.

...

Concluimos afirmando que mesmo discrepante e de idéias contraditórias , Monteiro é mais uma voz a se levantar ,que deve ser ouvida, pensada e ponderada ; nunca esquecida!

...

Capítulo 3

A BIBLIOGRAFIA

3.1 - ETNOLOGIA

.1925. O Diário de Pernambuco como subsídio etnográfico. A Notícia, Recife, 7 novembro :1.

Propõe uma pesquisa a respeito de grupos africanos em Pernambuco, através das pesquisas nas páginas do Diário de Pernambuco, do Recife.

.1932. Notas de folclore. A propósito de Macobeba. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Vol. XXXII, nº 151-154 :303-307.

2ª ed. IN: SOUTO MAIOR, Mário. VALENTE, Waldemar. 1988. Antologia Pernambucana de Folclore, Recife, Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/Editora Massangana :47-51.

Discorre inicialmente sobre certos estudiosos do folclore brasileiro, tratando em seguida de MACOBEBER, lobisomem que surgiu em Pernambuco. Em sua visão, esse mito sofre influência alienígena.

Inicia dissertando sobre a natureza física, vendo-a como "responsável pela origem dos mitos em geral"; concorda com Reinach, Van Gennep e Menard, para quem "o mito nasce do instinto que impele o homem a buscar a razão dos fenômenos e das coisas naturais, que o cercam".

Discorda de Alcides Bezerra que associou "as nossas superstições ao culto lunar babilônico, ou da magia caldaica ou egípcia".

Para si, "Há, enfim, a mesma identidade de processo nas leis psicológicas da imaginação, isto é, todas

as criações populares surgem em virtude da mesma uniformidade das leis da imaginação. É essa a história de Andrew Lang".

Passa a seguir a tentar relacionar Macobeba a outros mitos , para concluir que "os mitos e as crenças entre nós pertencem ao mesmo ciclo das idéias primitivas de toda a humanidade, que produziram, por exemplo , as sereias e os tritões. (...). Como Macobeba é um mito moderno , sofreu a influência alienígena , (...) um mito imaginado para explicar os desastres materiais , que crescem à proporção da multiplicidade das conquistas e das invenções humanas".

.1935. Os indígenas do Nordeste. Tomo I. São Paulo, Cia Editora Nacional, Col. Brasiliana, Vol. 44, 260 p. Ilustr.

Estudo sobre essa obra , ver capítulo "A Obra Etnológica" desta dissertação.

Críticas favoráveis a essa obra foram feitas por diversos estudiosos brasileiros , entre eles , estampamos algumas

"Aos alunos principiantes em Etnologia Brasileira costume recomendar , como um dos meios fáceis para ter uma idéia dos nossos índios , a obra sobre 'Os Indígenas do Nordeste' do professor Estevão Pinto. Os dotes do excelente divulgador e metucioso bibliógrafo , que distinguem este erudito autor pernambucano , são encontradas também na recente coletânea de seus ensaios ". (Refere-se a Muxarabis & Balcões e outros ensaios).

Herbert Haldus IN: Homenagem do Colégio Estadual do Recife , p.7.

"Os Indígenas do Nordeste" , modelar pela ordem , pelo método, pela clareza com que expõe a matéria , em páginas, umas de compilação , outras de síntese , várias de crítica e de interpretação".

Gilberto Freyre, 1968

Comunicação ao CFC.

"O livro do erudito pernambucano não é só de interpretação sociológica -motivo destes comentários : sua parte mais considerável é mesmo a outra que versa problemas de pré-história americana e reúne de maneira atraente , os dados etnológicos sobre os indígenas do Nordeste , que se encontram nas velhas crônicas e nas cartas jesuíticas".

Gilberto Freyre

IN: Posse na Academia Pernambucana...

Diário de Pernambuco, 11 nov. 1951.

"Perfeita síntese das aquisições culturais do aborígene".

Pedro Calmon

IN: Posse na Academia Pernambucana...

Diário de Pernambuco, 11 nov. 1951.

.1937. O arroz e os tupiniquins de Baía Cabralia. Diário de Pernambuco, Recife, 24 maio e 24 junho.

2ª ed. IN: PINTO, Estevão. 1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasileira, Vol. 303. pp. 70-78.

.1937. Primitivo e linguagem. Diário de Pernambuco, Recife, 23 dezembro.

2ª ed. IN: PINTO, Estevão. 1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios, citado, pp. 65-69.

.1938. Os Índigenas do Nordeste. Tomo II. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasileira, Vol. 112, 366 p. Ilustr.

Estudo sobre essa obra, ver capítulo "A Obra Etnológica", desta dissertação.

Críticas a obra :

"Ainda que Estevão Pinto (II, p.31) reconheça o perigo das generalizações relativamente às culturas índias, não pode, pela natureza de seu livro (reduzindo os índios em apreço a três grupos), evita-las. Apesar disso, apresenta a primeira parte do segundo tomo, consagrada ao conhecimento da 'vida econômica' (expressão com que o autor substitui os termos 'civilização material' e 'cultura material'), uma boa orientação sobre os problemas em questão, pela descrição clara e isenta de hipóteses pseudo-científicas.

Os capítulos sobre a vida religiosa e social, porém, estão sob a influência das teorias de Freud e Levy-Bruhl. Também o termo totemismo é usado em sentido vago.

Contudo, tirando-se esses senões, a presente obra é recomendável como introdução ao estudo dos índios do Brasil, também pela abundante e exata documentação bibliográfica".

BALDUS(1954:542-543)

"Com Os Índigenas do Nordeste, a sua interpretação, orientada num critério psicanalítico, das lendas e mitos indígenas, representa um subsídio pessoal e uma arrojada, mas feliz contribuição ao esclarecimento da sociologia primitiva - para usar de uma terminologia empregada por Robert Lowie - do nosso aborígene. (...)

"Você é o único brasileiro a figurar no meio das maiores autoridades estrangeiras no setor dos estudos etnológicos".

AMARO QUINTAS (QUINTAS, 1952)

"Obra de valor antro-po-geográfico, merece um lugar de honra entre os grandes livros brasileiros!"

RAIMUNDO DE MORAIS

IN: Posse na Academia Pernambucana...

Diário de Pernambuco, 11 nov. 1951.

.1938. Alguns aspectos da cultura artística do Pancararus de Tacaratu. Rio de Janeiro, Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 2 : 57-92. 11 fotografias originais.

A pesquisa foi solicitada pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico.

2ª ed. Las máscaras-de-danza de los Pancarus. Revista Geográfica Americana, Ano VI, Vol. X, nº 62, com 7 fotografias. Buenos Aires, 1938.

3ª ed. As máscaras-de-dança dos Pancararus de Tacaratu' (Remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco). Journal de la Société des Américanistes. Nouvelle Série. Tomo XLI, fasc. 2, Paris, 1952.

4ª ed. As máscaras-de-dança dos Pancararus, Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco, Universidade do Recife, 1953. Ed. MiM.

5ª ed. As máscaras-de-dança dos Pancararu. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 71ª série, nº 1-3, Lisboa, 1953.

6ª ed. As máscaras-de-dança dos Pancararu de Tacaratu' (Remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco).

Nordeste Indígena, nº 2 :5-15. Recife, jan. 1991.

Além do texto citado, contém pequena nota explicativa de caráter bibliográfico.

O estudo , acompanhado de sete boas fotografias é, segundo o autor, uma complementação a pesquisa de Carlos Estevão de Oliveira , pois o mesmo , embora tivesse empreendido trabalho sério , não descreveu as máscaras-de-dança do grupo.

O autor inicia situando geo-sócio-economicamente a região e descrevendo a aldeia dos Pancararu. Passa em seguida a situar o grupo em termos sócio-históricos, buscando origens e filiação , chegando a enquadrá-los do ponto de vista cultural e linguístico ao grupo Gê, tecendo diversas considerações a respeito de sua cultura , para os necessários confrontos.

Descreve alguns dos rituais do grupo , dentre os quais : a festa do imbu(sic) , o Toré , o Menino do Rancho e a Festa do Ajucá.

Entende , apoiado em sólida bibliografia que "As máscaras-de-dança são elementos culturais estranhos às tribos indígenas do Nordeste brasileiro" (PINTO, 1953: 15) lançando a hipótese : "é possível que os Pancararu empregassem , primitivamente , um simples manto de caroá, semelhante ao curu , que deixaria a cabeça descoberta. Assim teria nascido a máscara"(PINTO, 1953:15)

Nota destoante é aquela que surge à página 7 , quando, tratando do processo aculturativo , ou da miscigenação, afirma : "sociologicamente falando, os Pancararu' estão degenerados (grifo nosso) , isto é , perderam o que Gilberto Freyre chama, com apoio de Pitt Rivers, o potencial, o ritmo, a capacidade construtora da cultura".

Apenas uma questão a ser colocada , e que entendemos de fundamental importância : Como ter perdido a "capacidade construtora da cultura" se ainda produzem elementos culturais tão importantes como os descritos ' pelo autor ?

.1939. A santidade : aspectos da vida social do Nordeste. Revista do Brasil , 2(11), São Paulo, maio. Revista do Arquivo Municipal, nº 58:122-124, São Paulo, 1939.

3ª ed. IN: PINTO, Estevão. 1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. Citado, pp. 79-88.

Trata sobre religiosidade popular, especialmente a respeito do beato José Lourenço, de Caldeirão, Juazeiro do Norte (CE.)

.1940. Ritos e costumes mortuários dos tupinambás do Brasil. Actas Ciba, 7(4), Rio de Janeiro. Ilustr.

2ª ed. IN: PINTO, Estevão. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. Citado pp. 139-151.

.1943. Muxarabis e Balcões -ensaio sobre esses antigos elementos arquitetônicos , nos quais se poderão ver traços de influência mourisca. Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 7 : 309- 340. Rio de Janeiro. Contém 44 fotografias de Ulysses' Freyre + 3 plantas.

2ª ed. Muxarabis (sic) e Balcões. Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco, 1953. Ed. refundida e Ilustr. ' Prefácio de Gilberto Freyre.

3ª ed. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasileira, Vol. 303. 1958, ' 363 p. Ilustr.

Estudo sobre essa obra, ver capítulo "A Obra Etnológica

ca', desta Dissertação.

Estrutura da obra

1ª Parte - Muxarabis & Balcões :7-30.

2ª Parte - Ensaio de Etnologia

-Dados históricos e etnológicos sobre os ' Pancararus de Tacaratu (remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco) :33-58.

-Sincretismo religioso afro-brasileiro:59-64

-Primitivo e linguagem :65-69.

-O arroz e os tupiniquins de Baía Cabralia : 70-78.

-A santidade :79-88.

-Práticas medicinais dos tupi-guaraní:89-104.

-Aspectos da educação entre os nossos remanescentes indígenas :105-125.

-Alguns ritos característicos dos tupinambá' do Brasil :126-158.

-Um mito cosmogônico dos tupinambá :159-178.

-Introdução à História da Antropologia Indígena no Brasil (Século XVI):179-290.

-Tendências atuais da antropologia:291-297.

3ª Parte-Ensaio Histórico-Biográfico

-O inglês Henrique da Costa :301-311.

-Um homem que viveu a jogar com o destino: ' 312-333.Sobre José Inácio de Abreu e Lima

-Um apaixonado do Recife antigo :334-344.

Sobre Mário Sette.

Sobre a obra, dois estudiosos assim se pronunciaram:

"Estevão Pinto , professor universitário da melhor categoria, historiador e sociólogo tem dezenas de livros publicados. Alguns traduzidos para o espanhol e para o francês , com ampla repercussão no estrangeiro. Seu livro Índigenas do Nordeste é hoje obra clássica sobre etnografia indígena brasileira.(...)

No autor de Muxarabis & Balcões (...) associam-se admiravelmente o cientista e o escritor".

Waldemar Valente IN:

Homenagem do Colégio Estadual do Recife

"Já passou , há muito, o tempo em que o estudo dos índios do nosso interior estava confiado a aventureiros que se embrenhavam nas selvas e aos poucos padres, médicos, juizes , naquelas regiões , bem intensionados mas diletantes(...). Já contamos com numeroso grupo de sérios estudiosos nacionais do fascinante assunto. Inclui-se nesse número o Sr. Estevão Pinto."

OTTO Maria Carpeaux

IN:Griz, 1972:10

.1944. Prefácio e Tradução a THEVET, André. Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasiliana, Vol 229. 502 p. Ilustr. Prefácio pp. 7-30.

Ver o capítulo "Traduções", nesta Dissertação

A respeito da tradução, veja uma das críticas:

"Sente-se na obra um dinamismo , uma trepidação, uma vibração quase vertiginosa que, passando

do plano da especulação e da criação ao das atividades práticas ,compõem os mesmos requisitos do homem inquieto e desassoçado que, por isso mesmo , tanto exercita a literatura e o 'magistério' quanto a advocacia.Daí tanto vos devem as letras quanto, por exemplo,vos ficou a dever a velha Great Western , de que fostes advogado e onde, segundo me dizem ,jamais perdestes uma questão ' (...).

É também tradutor de Metraux e de Thevet ; e não' somente o tradutor ,mas o intérprete seguro e lúcido de um americanismo que, ora lírico como em Thevet , ora científico como em Metraux , tem o mesmo sentido criador e a mesma redução de um novo mundo, cujo redescobrimento estamos fazendo' a cada instante."

Nilo Pereira,IN:Discurso de recepção a Estevão Pinto , na Academia Pernambucana de Letras.

.1944.A estranha figura do pajé tupinambá.Actas Ciba,11(3,4), Rio de Janeiro.

.1944.A medicina dos tupi-guarani.Actas Ciba,nº 3 e 4 :41-61. Rio de Janeiro.Illustr.com 16 gravuras.

2º ed.Actas Ciba ,nº 11,Buenos Aires.Illustr.

3º ed.IN:PINTO,Estevão.Muxarabis & Balcões e outros estudos.citado pp.89-104.

Em comentário sobre a obra, afirma BALDUS(1954:544) ' "Constitui valioso complemento do material apresentado em 1938, no segundo tomo de sua obra intitulada 'Os Indígenas do Nordeste".

- .1946.O parto entre os índios do Brasil.Actas Ciba,13(8).Rio de Janeiro.Ed.Ilustr.
2ª ed.IN:PINTO,Estevão.Muxarabis & Balcões e outros en saios.Citado pp.126-133.
- 1946.Os primeiros cuidados com o recém-nascido e a iniciação entre os antigos índios do Brasil.Actas Ciba,nº 8,Rio ' de Janeiro.Ilustr.
- .1946.Alguns ritos característicos dos tupinambás do Brasil.Actas Ciba,13(8),Rio de Janeiro.
2ª ed.IN:PINTO,Estevão.Muxarabis & Balcões e outros en saios.Citado pp.126-158.
- .1950.Prefácio e Tradução a MÉTRAUX ,Alfred.A religião dos ' Tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi- guarani. São Paulo,Cia.Editora Nacional,Col.Brasiliana Vol.267.Prefácio pp.9-30.
- .1950.Apostilas de Antropologia,Etnografia e Etnologia.IN: ' Boletim da Faculdade Estadual de Filosofia,1(1):9-22 , Recife,jul./ago.
- .1950.Programa de Antropologia e Etnografia do curso de Geografia e História IN: Boletim da Faculdade Estadual de Filosofia.1(1):34-38,Recife,jul/ago.
- .1950.Apostilas de Antropologia e Etnografia.Antiguidades do homem :dados paleontológicos e arqueológicos.IN:Boletim da Faculdade Estadual de Filosofia.1(2):27-40,Recife, set./out.
- .1950-1951.MÉTRAUX,Alfred.Os heróis gêmeos na mitologia sul-americana.Tradução Waldemar Valente.Prefácio Estevão ' Pinto.Boletim da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, 2(5):60-70.Recife,dez.1950/maio 1951.Prefácio pp.60- ' 62.
Comenta a obra de Métraux,cotejando a presença do mito

através de bibliografia seletiva.

- .1951. Assombroso o índice de crescimento urbano em Paulo Afonso. Diário de Pernambuco, Recife, 11 out. 1951.
Discorre a respeito de urbanismo, com dados observados em excursão aquela região, especialmente no setor da Chesf.
- .1951. Apostilas de Antropologia e Etnografia. A geologia histórica e o "pedigree" do homem. Boletim da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, 2(5):3-59. Recife dez. 1950/maio 1951.
- .1952. De regresso da Europa o professor Estevão Pinto. Jornal do Comércio, Recife, 13 maio.
Trata de aspectos variados da antropologia e os caminhos da moderna ciência.
- .1952. O Brasil continua a ser um grande desconhecido. IN: A homenagem ao professor Estevão Pinto. Folha da Manhã, Recife, 29 maio.
Trata-se do discurso do homenageado no qual discorre a respeito de sua conferência proferida na Sorbonne, salientando que a mesma foi assistida por Paul Rivet e por Lucien Febvre. Lamenta o desconhecimento da antropologia e dos antropólogos brasileiros pelos europeus.
- .1952. Uma entrevista com o professor Estevão Pinto. LER, Lisboa, 4 jul.
Trata-se de entrevista onde Estevão Pinto afirma que suas obras orientam-se pelos estudos de Arthur Ramos. Informa também que está empenhado em iniciar uma expedição a região dos Pancararu.
- .1952. Antropologia brasileira. IN: Cadernos da Província, Recife, nov. 1952.

.1952. A antropologia brasileira. Versão de uma conferência pronunciada na École Pratique de Hautes Études (Sorbonne, Paris), sob o título "Evolution et état actuel des études anthropologiques au Brésil". Recife, Edição Nordeste. 45 p.

.1952. Bulletin bibliographique des principaux ouvrages ou essais , publiés à partir de 1935 , concernant l'etu de de l'anthropologie physique et culturelle du Brésil, 1935-1951. Recife , Faculdade de Filosofia de Pernambuco. 45 p. MIM.

"Ce Bulletin Bibliographique se rattache à la conférence prononcés à la Sorbonne , en avril 1952, par le Estevão Pinto , titulaire de la chaire d'anthropologie et ethnologie de la Faculté de Philosophie de l' ' Université de Recife.

Reproductions des gravures et dessins par Fernando ' de Figueiredo. Légendes traduites par Jean Orecchioni, professeur d'Alliance Française à Recife.'

Em comentário sobre a pesquisa , afirma Baldus (1954: 545) :

"Esta bibliografia , dividida segundo matérias' é util apesar de ficar longe de ser completa. Convém corrigir (alguns) erros(...) " de citações bibliográficas.

.1953. Notas de antropologia : introdução ao estudo das raças humanas. Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco. 23 p + 6 p. Ilust.

Entende o autor que entre os vários estudiosos que fizeram classificações das raças , as mais aceitáveis são as de Deniker, E. Von Eickstedt , Montandon, Ashley Montagu e Coon , classificações essas que trans-

creve , citando as principais características nelas encontradas.

Para conceituar o que seja raça, o autor sente a necessidade de dar certas noções de genética e de hereditariedade , o que faz de forma bastante simples , traçando posteriormente uma bibliografia bastante alentada.

O estudo é complementado com diversos gráficos que permitem uma melhor visualização do tema tratado.

.1953.Estórias e línguas indígenas.Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco.

2ª ed.Recife, Faculdade de Filosofia de Pernambuco , 32 p.

Para o folc-etnólogo Luís da Câmara Cascudo, a obra é

"Pela sua variedade e pureza de expressão que é a característica do seu trabalho, magnífico' no campo etnológico, (o autor) realiza , em ' sua brevidade, todas as excelências de que carecem obra (desse) tomo e extensão".

GRIZ (1972:10)

.1953.Os fulniô : uma cultura em transição.Diário de Pernambuco, Recife , 1 nov.

.1954.Ameaçado de extinguir-se o grupo dos fulniô de Águas Belas.Diário de Pernambuco, Recife , 4 abril.

Disserta a respeito da situação sócio-cultural dos índios fulniô. Adianta que a tribo é formada por 1.200 indivíduos que falam a língua iatê , que está sendo estudada pelo lingüista Geraldo Lapenda, que já esboçou sua gramática.

- .1954. Um curioso grupo indígena do Nordeste. Jornal de Letras. Edição de março. Rio de Janeiro.
- .1955. Uma organização tribal e familiar primitiva. Recife, Nordeste, setembro. Ilustr.
- .1955. Os fulniô de Águas Belas. Separata dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo, Editora Anhembi, Vol. I pp. 181-190.
- .1956. Etnologia brasileira (Os Fulniô - últimos tapuias). São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. Brasiliana, Vol. 285.

Estudo sobre essa obra, ver capítulo "A Obra Etnológica", desta Dissertação.

A obra em apreço recebeu comentários críticos de autores europeus e americanos:

"Le plus beau cadeau de Noël que j'ai reçu cette année, c'est votre livre".

Alfred Métraux

IN: Homenagem do Colégio Estadual

"Well-rounded, precise and concise, and useful ethnographic study".

A. L. Kroeber

IN: Homenagem do Colégio Estadual

"I sincerely compliment you on this valuable contribution to the ethnology of Brazil. I shall not fail to call the attention of anthropologists and sociologists in this country to your work".

Rüdiger Bilden

Fisk University, Nashville, Tenn. EUA

IN: Posse na Academia Pernambucana

.1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. Brasileira, Vol. 303.

Ver 1943 Muxarabis e Balcões, nesta bibliografia.

Algumas das opiniões sobre a obra :

"Pelo tema e pelo tratamento dado ao tema ,é talvez o trabalho mais importante do professor Estevão Pinto ,mais importante do que os seus ensaios sobre os ameríndios e do que a História de uma Estrada--de- Ferro"

Waldemar Valente(1953)

"Empregando (...) os métodos mais modernos ,os ' quais se tornaram ainda mais eficazes por efeito' de sua larga experiência cultural e científica da materia(...).

Com essa nova obra (realizou) mais uma esplêndida etapa em suas proveitosas e beneméritas atividades".

Eugênio Gomes

IN:Homenagem do Colégio Estadual

.1958. Introdução à História da Antropologia indígena no Brasil (Século XVI). México , Instituto Indigenista Interamericano, Ediciones Especiales , 36 ; 84 p. Ilustr. ' Apresentação de Manuel Gamio.

Publicado inicialmente em dois números da revista América Indígena , do Instituto Indigenista Americano , México, sem indicação.

2ª ed. IN:PINTO, Estevão. 1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. Citado pp.179-290.

.1962. Gilberto Freyre e a sua obra antropológica. IN: Gilberto Freyre : sua ciência , sua filosofia, sua arte. Ensaaios sobre o autor de Casa-Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos ' do 25º aniversário da publicação desse seu livro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 576 p. O estudo de Estevão Pinto pp. 392-399.

.1962. Antropologia e Instituto de Antropologia. Educação e Ciências Sociais , Vol. 10, nº 19, Rio de Janeiro, CBPE , pp. 3 -12.

.1962. Universidade, Instituto e Antropologia. Jornal do Comercio , Recife, 3 jun.

.1962. Pesquisas sobre estereótipos no Instituto de Antropologia. Diário de Pernambuco, Recife, 27 maio.

Trata-se de entrevista onde Estevão Pinto discorre ' acerca dos "resultados da pesquisa , que incidirá sobre cerca de quatro mil universitários (onde) serão ' confrontados com os de igual ordem , empreendido por ' Carolina Matuscelli e Thales de Azevedo (...) e com os ensaios dos antropólogos e sociólogos e ensaístas' Harris, Hutchinson e Zimmermann (por iniciativa da ' UNESCO), Roger Bastide (...) e Renato Carneiro Campos".

A respeito do tema fizeram conferência no Instituto' Barbosa Lima Sobrinho e José de Castro.

.1962. Resenha a BASTIDE, Roger. 1961. O Candomblé da Bahia ' (Rito Nagô). São Paulo, Cia. Editora Nacional, Col. Brasileira , Vol. 313. 370 p. Ilustr. IN: Boletim do Instituto' Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, nº 11, pp. 198-199.

Na visão de Estevão Pinto, Roger Bastide "procurou 'lançar as bases para a solução do problema de natureza dúplici do processo aculturativo e cabe-lhe a explicação do transe místico, não como 'conduta psicopatológica' mas como parte de uma situação 'normal', 'produto de impulsos imanentes a essa forma regular' e invariável de relação religiosa com o sagrado', capaz de satisfazer 'as necessidades psíquicas da coletividade e do indivíduo'(...)

"Bastide , penetrando no sentimento íntimo dos can--domblés, chega à conclusão de que os mesmos não se limitam a um culto 'bárbaro' ,mas se relacionam a crenças ricas de uma filosofia poética e sutil ,já 'prevista pelo A. , a quem tive a honra de conhecer ' pessoalmente em Paris, no seu ensaio Imagens do Nordeste místico!"(Grifo nosso).

- .1963. Problemas e tropeços da antropologia moderna. IN:Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, nº 12, pp.77-82.

Entende o autor que a Antropologia está passando atualmente por um "período pré-constitucional " devido a falta de dados e experiências em trabalhos de campo, por isso , "ainda não atingiu o seu desenvolvimento orgânico perfeito".

Para a consecução de seus objetivos , a antropologia usa o "método microscópico e indutivo (quando estuda as unidades menores para compará-las às maiores)' ocupa-se do homem global ,(holistic), "mas tendo sempre em vista que, no dizer de Malinowski , 'a raça ' não é mais do que a raça faz ' ".

Passa a seguir a tecer considerações a respeito da Antropologia Física e Antropologia Cultural ; a pri

meira, segundo o autor, deixou de se preocupar com a antropometria, preferindo na atualidade estudar "determinados elementos do esqueleto humano". Na segunda, prezam-se as discussões a respeito do conceito de cultura.

Segundo o autor, a antropologia aplicada é tão antiga quanto a ação dos jesuítas no Brasil e, a Paleontologia já esboçou uma árvore genealógica do homem.

Conclui afirmando que "o antropólogo, em virtude de sua compreensão humanística dos povos e das culturas, pode transmitir a todos a mensagem da tolerância e da vitória sobre as barreiras inter-étnicas, sem necessidade (...) de recorrer a atitudes messiânicas".

.1964. Atualidade do Malthusianismo. Jornal do Comercio, 20 de fevereiro.

Com base na teoria de Malthus que anuncia: "o índice demográfico humano cresce mais rapidamente do que a produção de alimentos necessários à subsistência", passa a tecer comentários baseado em dados do Population Reference Bureau Inc, de Washington, para quem, o aumento populacional é uma verdadeira explosão demográfica.

Lembra que em reunião recente (1964 ?) da ONU, sessenta e nove nações votaram a favor do controle da natalidade e vinte e sete fizeram abstenção.

Buscando as causas do aumento populacional, assevera que "decorreram do 'processo natural', isto é, da maior incidência de nascimentos e menor incidência de mortes" motivados por avanços na medicina, principalmente nos medicamentos.

Alarmado, o autor conclui que "uma explosão semelhante, pelos seus efeitos, à da bomba atômica usada pela

primeira vez em Hiroshima".

.1964. Introdução à História da Antropologia. Recife , Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Série I , Antropologia Histórica. Em 5 boletins.: Boletim 1-1964, 64 p. Boletim 2 -1965, 45 p.; Boletim 3 -1966, 21 p.; Boletim 4 -1966, 38 p.; Boletim 5 , 1967, 78 p. Edições ilustradas.

Estudo sobre essa obra , ver capítulo "A Obra Etnológica", nesta Dissertação.

O Boletim do IJNPS , vol. 13 e 14 (1964-65) pp. 256-257 , anuncia que a "Introdução à História da Antropologia" foi programada para ser publicada em 10 Boletins. O mesmo Boletim (p. 313) afirma que "essa pesquisa é de grande importância pois, até hoje , não se realizou nenhum trabalho semelhante " no Brasil nem no estrangeiro, apesar das obras de caráter histórico surgidas. No Boletim Vol. 16 e 17 (1969:118) informa-se que o 6º e o 7º volumes (que não foram publicados !) tratariam da contribuição de antropólogos brasileiros e estrangeiros à antropologia do Brasil.

Para Orlando Parahym (PARAHYM, 1969) Estevão Pinto

"Realizou da melhor maneira e na mais alta categoria suas pesquisas, é o tipo de professor que estuda e investiga para poder acrescentar sempre alguma coisa nova ao já sabido e para transmitir ' com um grau de nitidez cada vez maior os assuntos da matéria que ensina (...)

Estevão Pinto possui esse dom ou essa arte de saber condensar massudas coisas em frases leves e límpidas , que os seus alunos ou leitores assimilam (...). Um verdadeiro mestre, esse inesquecível' Estevão Pinto".

.1964-65. Resenha a MONTAGU, Ashley. 1962. Man :his first million years (...), A Signet Science Library Book, New York, ' 5ª ed. revista. Ilustr. 149 p. IN: Boletim do IJNPS, nº ' 13-14 pp. 280-283.

Para Estevão Pinto "Várias das falhas, lacunas e erros da obra em apreço permanecem na edição de bolso da Signet Science Library (embora as críticas feitas). O A., por exemplo, na exposição ' dos 'prováveis ancestrais do homem' , não segue ' nenhuma ordem lógica, quer evolutiva, quer geo- ' cronológica(...).

O A., (...) não se mostra seguro quanto a cronologia de alguns fósseis hominianos, (...) é verdade que o eminente professor inglês não se deixa levar pelas falsas descrições ou reconstituições do hominiano de Neandertal (...), de ' fato , dá pouca importância aos caracteres tetermorfos dos hominianos , revolucionando, assim , os preconceitos da velha e tradicional Paleontologia humana(...).

Interessante, outrossim, as idéias desse grande antropólogo com respeito às características adaptativas das chamadas raças humanas. (...)

A obra dedicada à antropologia sócio-cultural ' tem maior extensão que o reservado a Antropologia Física ; é, ainda , o melhor ordenado, mas , nem por isso, menos sujeito a críticas. Basta lembrar que o ilustre mestre britânico desconhece, ou não dá importância a obras que, hoje em dia, nenhum antropólogo de responsabilidade pode ' desprezar. (...)

O fato de ser a obra (...) um livrinho do modelo das edições Pinguim ou Breviários não justifica tão graves omissões".

- .1964-65. WAGENER, Zacharias. 1964. Zoobiblion, livro de animais do Brasil. Col, Brasília Documenta, vol. 4. Moderatore' et auctore Edgard de Cerqueira Falcão. Gráfica dos Tribunais, São Paulo. Ilustr. 436 p. IN: Boletim do IJNPS , nº 13-14.

Para Estevão Pinto "O volume IV da coleção 'Brasília' Documenta' é a primeira edição integral da obra de 'Z.W.', tendo sido escolhido o título que lhe deu Alfredo de Carvalho ; os comentários zoológicos, botânicos' e 'etnográficos' couberam , respectivamente a Olivério Pinto , D. Bento José Pickel e Egon Schaden. (...) Os desenhos mais interessantes (...) são os referentes às populações do Nordeste (indígenas, negros, mestiços) e uma aldeia tupí, aos engenhos e a aspectos 'da cidade do Recife (o Mercado de Escravos, a morada do Conde de Nassau)!"

Estevão Pinto critica as informações de Egon Schaden, onde o autor, por exemplo, esquece de citar nos desenhos, "o bigode e a p^êra do homem" , e a "maneira de transportar a criança", além de inexistir comentário 'sobre a aldeia, contida na gravura de nº 101. Por último sugere : "também não me parece exato que a mulher 'brasiliense' não estaria usando tranças".

- .1964-65. FREYRE, Gilberto. 1963. O Brasil em face das Áfricas' negras e mestiças. Lisboa. IN: Boletim do IJNPS , nº 13 - 14. pp. 294-296.

Trata-se de uma conferência feita por Freyre no Rio 'de Janeiro, a convite da Federação das Associações 'portuguesas do Brasil e publicada por um grupo de amigos.

Na visão de Estevão Pinto "Faz o A. referência a várias áreas africanas e asianas(sic) onde se vêm verifi

cando contactos de europeus com não-europeus nos trópicos(...)"

As observações realizadas "levaram Gilberto Freyre à criação de uma ciência, a tropicologia, dentro da qual pretende ele que se sistematize um dos seus ramos mais especializados - a 'lusu-tropicologia'(...)

"Em suma, a reinterpretação do lusismo, seu velho tema predileto, que o escritor transferia do plano nacional para o plano internacional!"

.1964-65. CHAVES, Nelson. 1965. Trópico, nutrição e desenvolvimento. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. IN: Boletim do IJNPS nº 13-14 pp.333-334.

Na visão de Estevão Pinto "salienta o professor Nelson Chaves que os estudos fisiológicos e nutricionais sobre o homem nos trópicos são relativamente poucos em comparação aos mesmos estudos feitos nos climas temperados, havendo necessidade, pois, de exames mais completos e demorados quanto ao primeiro - o que se propõe a fazer o A., com a colaboração dos auxiliares do Instituto de Nutrição e do Instituto de Fisiologia (Universidade Federal de Pernambuco).

Vê-se, portanto, que o problema do habitat humano continua na ordem do dia, não sendo como supõem alguns gaiatos, nenhum bizantinismo.

A opinião do professor Nelson Chaves resume-se no princípio de que as restrições do meio, (...) podem ser reduzidas, senão superadas em parte, de modo a tornar possível a melhoria das condições de vida".

.1964-65. CHILDE, V. Gordon. 1965. Man Makes Himself. 4ª ed. C.A. Watts & Co. Ltd. Londres. IN: Boletim do IJNPS, nº 13-14: 334-336.

Na opinião de Estevão Pinto "as mais atraentes páginas de Man Makes Himself são as que o A. descreve as fases da escalada do futuro primata sapiens no esforço ' de hominizar-se(...)

Se bem que Estevão Pinto faça várias restrições a obra, observa que "não obstante , seu livro ainda hoje interessa a todos os estudiosos(...). Era o A.(...) considerado, a seu tempo , a maior autoridade em Pré-História, e em especial a Pré-história da Europa".

.1965. Contribuição dos alemães à Etnografia indígena do Brasil. Diário de Pernambuco, Recife, 19 setembro.

.1966. DEVAMBEZ, Pierre & outros. 1966. Dictionnaire de La Civilisation grecque. Fernam Hazan Éditeur, Paris. IN: Boletim do IJNPS, Vol. 15, pp. 275-278.

Na análise procedida, Estevão Pinto chega a 'conclusão' de que "obras de tal ordem, apesar dos serviços que ' prestam aos estudiosos, apresentam dois defeitos.(...) Falta de coincidência entre o objeto e a ciência. São ' as chamadas 'antinomias ', -ciências sociológicas tratando de objetos antropológicos , ou ciências naturais tratando de objetos culturais.(...)" E aponta : "Falta de visão geral de conjunto, capaz de mostrar o entrosamento e a evolução dos fatos sociais inerentes a determinada civilização. A complexidade das civilizações (...) é enorme.(...)

Um fato, entretanto , ficou bem claro no Dictionnaire' (...) o pouco que herdamos dos gregos, o legado grego' à nossa civilização parece ter sido insignificante".

OBRAS ESCRITAS, PROGRAMADAS E NÃO EDITADAS

-Introdução à História da Antropologia, 2 Boletins ' 6º e 7º prontos, mas não editados pelo IJNPS.

-Estereótipos raciais e nacionais entre universitários do Recife. Pesquisa a ser publicada pelo IJNPS.

Os Índigenas do Nordeste. 2ª ed.inteiramente refundida e atualizada, em 2 volumes.A ser publicada pela Cia.Editora Nacional, na coleção Brasileira.

Antropologia, pesquisa e Trópico (fundamentos científicos para pesquisas e investigações no campo da antropologia tropical.A ser publicada pelo IJNPS.

A Civilização Material das Tribos Tupí-Guarani, de Alfred Métraux, Tradução, Prefácio e notas de Estevão Pinto. Seria publicada pela Cia.Editora Nacional, na Coleção Brasileira.

Publicou, segundo FREYRE (1968:36) matéria no "The Journal of inter-american studies" a respeito de Tropicologia, era um estudo que procurava sistematizar o que havia disperso no Brasil. Infelizmente não encontramos citado estudo.

...

3.2 - HISTÓRIA

.1920. Figuras do passado. Jornal do Comércio, Recife, 12 set.

.1922. Pernambuco no século XIX. Recife, Imprensa Industrial I. Nery da Fonseca. 190 p. ilustr. Ilustrações de Henri-- que Mozer e Baltazar da Câmara.

Apesar de o título sugerir obra historiográfica que gira em torno de temas sérios, pesados, carrancudos, similares as obras do período, que primavam por rigidez cronológica e pela seriedade do tratamento, um ligeiro exame do livro desmente a falsa impressão causada.

Trata-se da reunião de assuntos diversos, onde o autor analisa aspectos variados da sociedade pernambucana, emprestando ao texto tons suaves, "livres" com um grande teor de picardia nas narrativas.

Picaresco, sem o sentido de licenciosidade aliás, é o forte da obra. A cada quadro pintado o bom humor se alia, dando um sentido de leveza a descrição.

Temas há em que os próprios motes não permitem essa leveza, mas o autor, com as qualidades de bom narrador, transforma a dureza desses fatos em descrição amena, possibilitados por uma urdiura bem tramada, o que nos obriga a ler com deleite.

A estrutura da obra é assim montada:

1- O gamenho, 2-A gamenha, 3-O negro fujão, 4-Frei Madraço, 5-O palanquim, 6-Como dançavam

os nossos bisavós ?, 7-A beata, 8-O último natal de Frei Caneca , 9-Maciel Monteiro era um D.João ?,10-O negro, 11-O caboclo , 12-O ano ' de 1875 em caricatura,13-Sinhazinha, 14-As ' ruas do Recife em 1840, 15-Le loup devenu berger,16-O ano dos enxurros , 17-Reinado de mulatas , 18-D.Frei Vital, 19-Uma aventura extraordinária,20-Dezessete.

A importância da obra leva Mauro Mota a apreciá-la desta forma :

"Com 'Pernambuco no século XIX' Estevão Pinto' manifesta-se, e de que modo ! Num campo que seria mestre : o campo da história social , o da Antropologia Cultural.(...)

Título , de certo modo , infiel ao texto , desses que os editores modernos talvez inaceitassem , considerando-o fora do âmbito da chamada atração para os leitores de vitrines.Pois sugere a dureza dos fatos , a sequência datal , os ossos de uma historiografia , na qual o historiógrafo , se assim pudesse ser tratado , fosse mais arauto ou recadista , chegando com atraso ao emprego.

Uma sugestão falsa . O livro impõe-se à reedição , que poderíamos tomar a peito.É crônica, é história , é crítica social , uma das coisas de nível como interpretação de episódios , de costumes , de tipos humanos característicos do velho Recife.Nada com mais vida sobre a nossa vida oitocentista.(...)

Uma pequena obra-prima , diga-se agora , de malícia também e percepção." (MOTA,1968 :130).

- .1925.O Recife em 1924.Revista Pernambucana , 2(14),Recife, agosto.
- .1925.O Recife há cem anos.Diário de Pernambuco,Recife , 7 novembro:25.
- .1925-1926.Aspectos pernambucanos,Revista do Instituto Arqueológico,Histórico e Geográfico Pernambucano ,Vol. XXVII,nº 127-130,pp.71-89.
- Trata do Recife como cidade holandesa.O episódio de 1710.Recife do Primeiro Império.D.Pedro II em Pernambuco.
- .1926.A casa brasileira.Revista de Pernambuco ,Recife , 3(21),março.
- .1926.A propósito da abolição.Rua Nova ,Recife, 2(55),22 de maio, s.p.num.
- Discorre sobre as consequências da Abolição do Cativoiro , detendo-se ainda na contribuição do negro para a civilização brasileira.
- .1926.Pernambuco literário , artístico e social de 1925.Revista de Pernambuco ,Recife , 2(19), s.p.num.
- .1926.O sonho de Nassau.Revista de Pernambuco,Recife ,3(22) abril, s.p.num.
- .1927.O Recife em 1824.Revista do Instituto Arqueológico , Histórico e Geográfico Pernambucano.Vol.XXVIII,Nº 131-134,pp.347-350.

Reconstitui fatos pitorescos do Recife,tomando base em relatos de viajantes estrangeiros como Koster , Agassis e Mary Grahm.

.1928-1929.O Museu Histórico de Pernambuco.Espelho , Rio de Janeiro , 3(22):273 -281.

.1928-1929.Maurício de Nassau.Como Pernambuco deveria solenizar o tricentenário do governo deste príncipe holandês.Revista do Instituto Arqueológico ,Histórico e Geográfico Pernambucano.Vol.XXIX , nº 135-142,pp.273-281.

Discorre sobre a obra de Nassau e lança plano de comemorações do Tri-Centenário.

.1928-1929.Parecer sobre a memória.Um milagre de Nosso Senhor.A descoberta casual do Brasil, de Carlos Pereira' da Costa.Revista do Instituto Arqueológico,Histórico e Geográfico Pernambucano.Vol.XXIX , nº 135-142 ,pp.298-302.

Disserta sobre controvérsias a respeito da descoberta do Brasil.Defende tese sobre o conhecimento pré-cabralino , baseado em estudos de C.Malheiros Dias.Opina sobre a publicação da memória de Pereira da Costa na Revista do Instituto.

.1929.Quais são os livros raros da Biblioteca Pública de Pernambuco ? A Província, Recife , 20 março de 1929:3.

.1930.Lições & Exercícios de História do Brasil.Recife,Governo de Pernambuco.Ilustr. com mapas.

.1933.O porto do Recife e sua evolução histórica.O Porto do Recife ,Recife, 1(1):10.ilustr.

.1934.Resumo da História do Nordeste.Anuário de Pernambuco ' para 1934.Supl. do Diário da Manhã,Recife.

.1937.História da Civilização.Para a 1ª série.São Paulo,Cia Editora Nacional.Col.Biblioteca Escolar Brasileira,3ª

vol.249 p.ilustr.Direção Aníbal Bruno.

Ao término de cada capítulo , são colocados para ilustração do aluno ou fixação do tema : a-Leitura, b-Datas, c-Vocabulário, d-Exercícios.

A edição, contrária a inúmeras outras existentes, é fartamente ilustrada.

.1937. O Museu Histórico de Pernambuco. Espelho, Rio de Janeiro , 3(22):21, jan./fev. Ilustr.

.1939. História da Civilização, 2ª série. Recife, Rodolph & Pereira. Biblioteca Pio XI, Vol. I, 228 p. ilustr.

.1940. A Associação Comercial de Pernambuco. Livro comemorativo do seu primeiro centenário (1839-1939). Recife, Officinas Graphics do Jornal do Commercio. 295 p. Ilustr. Capa de Manuel Bandeira.

2ª ed. fac-similar, Recife, 1987. Apresentação de Antonio Felipe do Rosário.

Ao conceber a obra "A Associação Comercial de Pernambuco" , o autor estruturou-a de tal maneira , que, ao invés de ser uma história particular de uma associação de classe , tornou-a uma história do Recife, ou talvez também de Pernambuco , com uma visão integrativa bastante moderna, onde os fatos particularizantes são imiscuidos com os fatos gerais , dando uma idéia de todo o processo histórico.

Certos detalhes que para o leigo eram desnecessários, tornaram-se pelo arrojo do projeto , visões clarificantes , onde se percebe as razões do desenrolar histórico, disso afirma o autor : "A Associação tem um' perfeito conhecimento dos costumes da sociedade pernambucana". (PINTO, 1940:60)

A obra foi estruturada na seguinte ordem:

1ª Parte- I-Período de formação (1839-1865);

II-A consolidação (1866-1904);

III-Em nossos dias (1905-1939);

IV-Síntese.

2ª Parte-Documentos, mapas, resenha cronológica e datas da História da Associação , com ' referencias expressas no texto.

15 apensos referentes a História da Associação. 51 ilustrações de aspectos variados do Recife e da Associação Comercial de Pernambuco.

Para a elaboração da obra , o autor valeu-se de atas, relatórios e boletins da Associação , contidos em seus arquivos, bem como de obras paralelas que o permitiram perceber melhor determinados aspectos a serem tratados. Em sua afirmação a respeito de fontes , amplia a área do conhecimento , afirmando:

"Ninguém pode hoje escrever a história do nosso desenvolvimento econômico , sem recorrer as atas e outros materiais dos arquivos da Associação Comercial de Pernambuco. Os relatórios, sobretudo , representam' um subsídio indispensável às pesquisas e investigações dessa natureza". (PINTO, 1940: 159-160).

Uma obra desséquilate permitiu a Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo afirmar exultante:

"Estevão Pinto não se deteve apenas na visão geral de uma História da Civilização ' que sua cultura científico-humanista e erudição podiam abranger, mas debruçou-se so--

bre as nossas coisas e a nossa gente ,universal e regionalista , na análise dos nossos ' problemas e da nossa pernambucanidade.(...)" (CAMPELO DE MELO,1982).

Jayme Griz, seu substituto na Academia Pernambucana de Letras , assim se expressa :

"Um homem altamente representativo da cultura científico-humanista de Pernambuco.(...)' Reunia aos méritos de professor, de didata, de cientista, os de pesquisador , ensaísta , escritor e autor de livros da mais alta categoria(...) recebidos vitoriosamente pela crítica nacional e do exterior".(GRIZ ,1972:7-8)

.1941.O inglês Henrique da Costa.O Cruzeiro,Rio de Janeiro,25 de setembro.

Discorre sobre o viajante Henry Koster , autor de "Travels in Brazil" , traduzido por Luís da Câmara Cascudo, em 1942 , com o título "Viagens ao Nordeste do Brasil".São Paulo,Cia.Editora Nacional,595 p. Ilustr.Col.Brasiliana,Vol.221.

2ª ed.IN:PINTO,Estevão.1958.Muxarabis & Balcões e outros ensaios.São Paulo,Cia.Editora Nacional,Col. Brasiliana ,Vol.303.pp.301-311.

.1946.A zona de penetração no Nordeste nos começos do século XIX.Revista do Arquivo Público,Recife,segundo semestre de 1946,pp.51-63.

Trata a respeito de estradas e vias de comunicação na região nordestina.

.1948.Influência dos ingleses em Pernambucc.Presença,Recife, nº 1:17-18.Agosto.

.1949. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste (Contribuição para o estudo da formação e desenvolvimento da empresa The Great Western of Brazil Railway Company Limited e das suas relações com a economia do Nordeste brasileiro), Rio de Janeiro, José Olympio. Col. Documentos Brasileiros. Vol. 61. 310 p. Ilustr.

Em comentário autocrítico diz o autor :

"Naturalmente não fiz obra definitiva. Mas , sentir-me-ei plenamente pago se o presente ' esboço ou ensaio possa prestar , mais tarde , ' algum serviço ao futuro historiador da 'Great Western' "(PINTO, 1949:8)

A pesquisa é verdadeiramente um estudo exaustivo' sobre aspectos histórico-sociais do panorama ferroviário do Nordeste brasileiro , onde o autor entra em inúmeros detalhes sumamente importantes ' para sua urdidura , sem ser massante.

Consegue dominar bem a temática desenvolvida e fazer excelentes análises. Lê e traduz muito bem ' as tabelas e gráficos que retratam situações vivenciais descortinadas por aqueles caminhos-de-ferro.

Escreve com elegância e usa muito bem as fontes ' de que se serviu.

A estrutura da obra é assim montada :

- 1-Os caminhos transitáveis antes das ferrovias ;
- 2-Os caminhos de Duarte Coelho. O colonizador no Nordeste;
- 3-Zonas de penetração de Pernambuco no início do século XIX. Características da Rede Ferroviária' do Nordeste nas vésperas da construção de sua ' primeira estrada-de-ferro;

- 4-A abertura dos portos brasileiros e a influência inglesa;
- 5-Os irmãos Mornay e o plano para alcançar o Vale do São Francisco;
- 6-A Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco;
- 7-Incorporação da Great Western , primeiros diretores, situação da Companhia no período de 1882-1900;
- 8-A Estrada-de-ferro Central de Pernambuco.Os produtos regionais;
- 9-A Rede Ferroviária do Nordeste no começo do século XX;
- 10-Épocas da Proclamação da República.Novos governos, novos planos;
- 11-A Primeira grande guerra e sua repercussão na história da estrada;
- 12-A companhia em 1922;
- 13-Concorrência rodoviária e os prejuízos;
- 14-Enchentes; estações novas; o algodão e o caroço de mamona; a reforma de 1944;
- 15-Conclusão.

Essa obra densa mereceu comentários críticos favoráveis de dois grandes mestres da cultura brasileira :Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, nos termos:

"Daqui me congratulo com o Professor Estevão Pinto, pelo modo inteligente por que realizou a tarefa de que o incubiu o engenheiro Manuel Leão (...) pela maneira feliz por que , escrevendo um difícil trabalho de encomenda, animou seu estudo de interesse humano.

Feito por outro, esse ensaio (...)resulta--

ria, talvez num amontoado de dados inexpressivos e de nomes arrevesados, de fatos áridos e de expressões apologéticas do capitalismo ferroviário dos ingleses no Brasil. Num reletório tristemente burocrático. E não um atraente capítulo de história social do Nordeste brasileiro, escrita com critério sociológico, e ao mesmo tempo, com senso de pitoresco, com vivacidade e com 'graça literária'. (FREYRE, 1948:51)

..

"A publicação recente do belo livro (do) Sr. Estevão Pinto (...) pode mostrar-nos a que ponto um tema aparentemente limitado, interessado a uma determinada região pode transcender em muitos casos sua significação simplesmente local, quando abordado por quem esteja longamente afeito ao trato das ciências humanas".

Sérgio Buarque de Holanda IN:
Posse na Academia (...) Diário
de Pernambuco, Recife, 11 nov.
1951.

Na conclusão de sua pesquisa, escreve Estevão Pinto, sintetizando todo o espírito da estrada-de-ferro neste texto:

"Reflete (...) essa companhia a história do Nordeste, possuindo também, tal como o Nordeste, todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Talvez seja essa estrada mesmo, um símbolo do homem nordestino - pelas suas fraquezas, pela sua capacidade de resistência, pelo seu desamparo e

pela sua eterna luta contra o meio físico".

(PINTO, 1949:213)

.1949. O general Abreu e Lima. Conferência realizada a 10 de dezembro de 1948, no Instituto de Educação de Pernambuco. Recife, Imprensa Oficial. 30 p.

2ª ed. PINTO, Estevão. 1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasileira, Vol. 303 pp. 312-333.

3ª ed. Ciência & Trópico. 11(1):79-94. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

.1951. Um "Bacharel de batina" e um moralista. Jornal do Comércio, Recife, 25 nov.

Trata-se do Discurso de Posse na Academia Pernambucana de Letras. Discorre sobre vida e obra do Patrono da Cadeira 29, Padre Antonio Gomes Pacheco e, de igual modo a respeito de seu antecedente Mário Sette.

.1952. Quatro cidades da Europa. Diário de Pernambuco, Recife, 27 de maio.

Relata impressões de viagens a vários países da Europa.

.1953. História Geral. Segunda Série, Curso Colegial. São Paulo, Editora do Brasil S/A. Col. Didática do Brasil. Série Colegial. Vol. 8. 254 p. Ilustr.

2ª ed. Porto Alegre, Editora do Brasil. Col. Didática do Brasil, Série Colegial, 8; 254 p. Ilustr.

Conteúdo da obra-

1-Idade-Média Oriental, 2-Idade-Média Ocidental, 3-Os grandes conflitos medievais, 4-O Movimento econômico e social da Idade Média, 5-O Movimento

moral, artístico ,literário e intelectual da Ida de Média,6-A evolução geográfica e econômica,7 - A evolução intelectual,8-A evolução religiosa,9- A evolução política,10-A revolução no Estado Mo- derno.

Nota do autor :

"O que o aluno precisa saber , sobretudo o aluno do curso colegial , é a contribuição' de certos povos e de certos indivíduos para o progresso da humanidade.A formação das principais instituições , o folclore, a ori- gem de determinados usos e costumes, as len- das, as invenções , as conquistas no domí- nio das ciências , das letras, das artes , etc. - tudo isso constitui realmente o prin- cipal assunto da história.Segui , por isso, o excelente método dos manuais de Seignobos, de Malet, de Isaac , de Hayes , de Moon ,de Lavedan , de Bloch , de Meininger e de tan- tos outros.Inclusive os recentes estudos de Burns e de Breasted".

Para os assuntos filosóficos ou literários' consultei Macy,Durand e outras autoridades' de igual valor.(...)

Não tive a pretensão de ser original.Colhi' desses autores tudo o que pudesse servir ' aquela finalidade(...).Isso sem deixar, tam- bém , de expor , de vez em quando , as mi- nhas idéias.

Não esqueci o valor dos gráficos ou ilustra- ções e procurei não abusar das datas , embo- ra não se possa passar sem elas,-pois a His- tória sem datas é uma espécie de contos de fadas".

Escrito com teor sumamente didático e de linguagem bastante simples, como convém a essas obras. O autor apõe a cada capítulo a bibliografia (comentada) utilizada em sua confecção, como sugestão para futuros estudos (e comprovações) dos alunos.

À bibliografia segue-se um questionário para suscitar melhor compreensão e fixação do tema desenvolvido.

Para a confecção da obra, o autor serviu-se de obras originais de autores franceses (em maioria), mexicanos, argentinos, espanhóis e portugueses.

Resultante de sua experiência como pesquisador social, encontra-se no capítulo dedicado ao "Intercâmbio muçulmano" (:35-36) estampa-se a fotografia de um muxarabi, encontrado em Olinda (Pe)

.1964. Nada de novo sob o sol. Revista da Academia Pernambucana de Letras, Recife, nº 12, 2º semestre de 1964, 2º da IV fase. pp. 93-96.

Motivado pela leitura do "Dicionário da Civilização egípcia", de Georges Posener, admira as novas descobertas do patrimônio cultural do Egito antigo, confrontando-as com a cultura da atualidade.

Discute certos aspectos da cultura medieval que serviram de base para a atual civilização.

Conclui afirmando: "Apresso-me a por um ponto final (...) pois temo chegar à convicção de que os antigos já tinham inventado a bomba atômica."

.1964-1965. Resenha a PRADO JÚNIOR, Caio. 1965. História Econô-
mica do Brasil. 9ª ed. Editora Brasiliense. IN: Boletim '
do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, nº '
13-14, 1964-1965. pp. 336-338.

Na apreciação de Estevão Pinto, "O A. ao empre-
gar , na explicação dos fatos econômicos da nos-
sa história , uma dialética materialista, supos-
tamente marxista , cai no erro do critério unila-
teral do 'materialismo histórico', -critério '
hoje em dia desprezado pelos mais autorizados '
pensadores e, não só desprezado , como desnecessá-
rio. Haja vista que , na História Geral da Civili-
zação Brasileira , dirigida por Sérgio Buarque '
de Holanda (...) a história econômica do Brasil,
em seu período colonial , foi tratada magistral-
mente sem necessidade de recorrerem os seus '
A.A. às limitações do 'materialismo histórico'.
O facciosismo da História econômica do Brasil é
registrado por José Honório Rodrigues. (...)
Finalmente o marxismo também não evoluiu ? Não '
vimos Stalin restabelecer o patriarcado de Mos-
cou , que Pedro-o-Grande havia suprimido ? Ou a
produção agrícola choca-se com a resistência dos
aldeões ? E não estamos presenciando a geração '
moderna da União Soviética procurando esquecer'
o seu passado dramático ?"

.1964. História antiga, para o curso colegial. São Paulo, Editó-
ra do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, série co-
legial. 413 p. Ilustr. Capa - Paulo Amaral.

O autor explicando a construção da obra repete'
nota escrita para a História Geral (1953) e com

plementa :

"Na bibliografia, dei preferência a obras ' traduzidas em português,(...) ou em sua ' falta, a obras traduzidas em espanhol e em francês , que são duas línguas mais acessíveis aos alunos.(...)

Seguindo o velho provérbio chinês,-uma imagem vale mais do que mil palavras,-tive o cuidado nesta nova edição refundida e aumentada , de ilustrar o mais possível a matéria do texto".

Chamamos atenção para a criteriosa bibliografia' comentada, ou o tópico "Problemas a estudar"que' o substitui, que acompanha cada capítulo.O esforço do autor em tentar enlargar o caminho para o conhecimento do aluno ou do leitor, é admirável,como é digno de êcmios o vocabulário também constante de cada capítulo,com pretensões de suprir certas deficiências dos alunos e dos dicionários existentes, pois nele são colocadas principalmente expressões técnicas em boa parte não encontráveis em obras de fácil acesso.

Estrutura da obra

1-Noções preliminares,2-As primeiras civilizações,3-A civilização egípcia,4-As civilizações mesopotâmicas,5-A civilização hebraica,6-A civilização fenícia,7-As civilizações iranianas,8-Outras civilizações antigas,9-A civilização egeana,10-A civilização grega,11-A civilização grega ' (idéias religiosas,cultura e costumes),12-Civilização grega (letras,artes e ciências),13-A civilização romana ,14-A civilização romana (instituições,vida privada e social,religião e economia,15-A civilização romana (artes,ciências).

.1964. História Medieval, para curso colegial. São Paulo, Editora do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, Série colegial. 222 p. Ilustr.

A introdução da obra é quase igual ao compêndio 'História Antiga, a não ser quando se refere particularmente sobre a Idade Média, onde afirma:

"Quanto a Idade Média, servi-me dos ensaios' de Evans, D'Hancourt, Vignaux, Pirenne, Calmette, Funck-Brentano e Bagné, para citarmos os melhores.

A estrutura didática é igual a obra anterior.

Estruturalmente a obra é montada desta forma:

1-Idade Média Oriental, 2-Idade Média Ocidental, 3-Os grandes conflitos medievais, 4-O movimento econômico e social da Idade Média e 5-O movimento moral, artístico e intelectual da Idade Média.

.1965. História Moderna, para curso colegial. São Paulo, Editora do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, Série colegial. 297 p. Ilustr.

A introdução é igual aos dois volumes anteriores, sem destaque para a História Moderna. Em termos metodológicos e didáticos o procedimento é similar.

A obra se estrutura nesse esquema:

1-A geografia e a economia do início dos tempos modernos, 2-A evolução intelectual, 3-A evolução religiosa, 4-A evolução política, 5-A revolução no Estado moderno, 6-As revoluções políticas, sociais e econômicas.

.1965. (?) História Contemporânea, para o curso colegial. São Paulo, Editora do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, Série Colegial. 428 p. Ilustr.

Introdução igual a todos os outros três volumes, sem destaque para a bibliografia específica para o conteúdo.

A obra está assim esquematizada :

1-A política das nacionalidades, 2-Expansão colonial, 3-A política das alianças e os grandes conflitos internacionais, 4-A política das alianças e os grandes conflitos internacionais (conclusão), 5-Os regimes sociais e políticos, 6-O panorama econômico, 7-Os aspectos culturais, 8-O continente americano, 9-O mundo dos nossos dias.

.1965. O problema agrário na zona canavieira de Pernambuco; conferências e debates no simpósio realizado por iniciativa do IJNPS , em maio de 1963. Introdução e sumário do Prof. Estevão Pinto. Recife , Universidade do Recife, Imprensa Universitária. 241 p.

Introdução, de autoria de Estevão Pinto pp.7-37.

.Grandeza e decadência de uma cultura. Recife, IJNPS , Imprensa Universitária, 37 p. Separata da Introdução a obra "O Problema agrário na zona canavieira de Pernambuco", citado.

Na Introdução, Estevão Pinto além de discorrer sobre a organização do Simpósio organizado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais , que deu origem a presente obra, tratou exaustivamente a respeito da história da cana-de-açúcar , referindo-se a introdução da mesma no Brasil, particularmente no Nordeste e na problemática dela decorrente : as questões relativas a Reforma Agrária, tema polêmico e sempre atual.

Traçou ainda um panorama relativo a agricultura'

nos aspectos de lavoura canavieira e no da lavoura de subsistência, passando finalmente a considerar as conclusões e recomendações feitas no referido Simpósio.

- .1970. FREYRE, Gilberto. PINTO, Estevão. CAMPOS, Renato. JULIÃO, Francisco. MELO, Pe. Antonio. e outros. Cana e reforma agrária. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 376 p. 2ª ed. da obra "O Problema agrário na zona canavieira de Pernambuco", citado.

A Introdução de Estevão Pinto (pp.55-90) é igual ao texto da primeira edição.

- .1974. Informações a respeito da cultura da cana-de-açúcar. IN: Região, formação social e desenvolvimento - suas interrelações : o caso nordestino. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/Conselho Federal de Cultura.

Trata-se de texto extraído da obra "Cana e Reforma Agrária, Recife, 1970, citado, com exceção das quatro primeiras páginas onde o autor historia as ocorrências do Simpósio e as oito páginas, onde discute certos problemas importantes na época da primeira edição, bem como algumas recomendações eventuais expendidas.

A importância da obra permitiu ao antropólogo e historiador Waldemar Valente analisá-la nesta ótica :

"Não se limita o Prof. Estevão Pinto a dar ao grande público, em troco miúdo, os resultados a que chegaram conferencistas e debatedores do Simpósio, (...) vai mais além, ele próprio se tornando a posteriori um participante. Faz uma história resumida da cana-de-açúcar no Brasil,

realçando com segurança os altos e baixos de sua vida ,seus momentos de prestígio e grandeza e também os de decadência e miséria.Neste particular,mostrou-se o historiador exato.(..)

Em (certos aspectos) analisa (...) sob critério' sociológico,servindo-se da analogia estabelecida com os resultados a que chegou Redfield em estudos realizados entre remanescentes indígenas do Yucatan.Não esquece (...) a pretensa resistência da sociedade rural à mudanças culturais.(...)

O Prefácio (...) é ensaio ao mesmo tempo históri- co, sociológico ,antropológico da melhor qualida- de.Nele confirma-se(que)o professor Estevão Pin- to o scholar que nada tem a dever aos melhores ' da Europa e da América do Norte e escritor que sabe admiravelmente harmonizar o gosto literário e a força heurística do pensamento e da idéia.

(...).VALENTE (1966)

A respeito dessa obra, assim se pronunciou o escritor Nelson Saldanha:

"Alto nível , intelectualmente falando,encontra- mo-lo,sim, na 'Introdução' que abre a publica- ção e que é assinada pelo professor Estevão Pin- to.Repassando, com mãos de historiador e de an- tropólogo, as circunstâncias da evolução da cul- tura da cana e da indústria do açúcar (...) o professor Estevão Pinto põe as coordenadas his- tóricas que servem de 'background' ao problema' agrário em nosso Estado".

SALDANHA,Nelson N.Alguns livros recentes.Re-- corte s.d.

HISTÓRIA DE UMA ESTRADA-BE-FERRO DO NORDESTE :OUTRAS CRÍTICAS

"Este livro de Estevão Pinto(...) está destinado ' às estantes de todos os estudiosos de nossos problemas econô-
micos e sociais".

VALDEMAR DE OLIVEIRA

IN: Posse na Academia Pernambucana de Letras.

Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov. 1951.

"É um prazer ler o livro como se lê um relato de aventuras e de viagens".

ANÍBAL FERNANDES

IN: Posse na Academia, citado.

"Um homem andou nos trilhos , um passageiro com ' bilhete de ida-e-volta, da plataforma das estações, da janela dos vagões mais belos, Estevão Pinto olha e sente toda a paisagem e compõe as páginas mais belas e socialmente válidas ' até hoje compostas sobre a civilização do trem no Nordeste ' brasileiro".

MAURO MOTA

IN: Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, 28 ' jan. 1967.

"É um livro saboroso em que há muita poesia, muita coisa que lembra romance, mas onde sobra também, larga dose de boa ciência, de pesquisa honesta, equilibrada, de modo que o livro deixa de ser simples narração histórica para se transformar em sólida análise de sociologia elevada e conscienciosa".

COSTA PORTO

IN: Posse na Academia, citado.

"Poucos livros mereceram ultimamente, o interesse dos críticos e dos cronistas da província como o que foi dispensado ao do prof. Estevão Pinto.(...)

O livro constitui um autêntico êxito na província. Nada menos de quatro artigos foram publicados num só dia sobre esse trabalho, seguidos logo de outros. Isso é qualquer coisa sem precedentes no Recife.(...)

Bela oportunidade de contribuição para a história dos transportes em Pernambuco e no Nordeste.(...)

Com a simplicidade do seu estilo, conseguiu evitar que o assunto ficasse demasiado técnico e inacessível.

Seu livro representa um trabalho honesto e bom."

JORDÃO EMERENCIANO

IN: Rev. do Arquivo Público, Recife 4(6):689

-693. Primeiro e segundo semestre de 1949.

"As qualidades mestras do escritor, do historiador, do cronista ninguém as nega em Estevão Pinto ; e ele os demonstra nesse livro que não somente confirma, como melhor ainda os apura, demonstrando que de secos e burocráticos relatórios(...)pode um verdadeiro homem de letras tirar' o mais brilhante rendimento. Se esse é um livro de crônicas , nada lhe falta; se é um simples relato, está completo; se é como o denominou o seu autor uma história, tem todos os requisitos para isso, e não apenas os descritivos e cronológicos, mas os de interpretação social e humana. Como quer que seja, trata-se de um livro encantador, de irresistível leitura, cheio de graça e de leveza. Livro de um autêntico escritor, isto é de um homem que não escreve por escrever, mas porque sabe comunicar-se através de um profundo interesse humano, que é quanto basta a uma literatura para não viver apenas o espaço de uma manhã".

NILIO PEREIRA

IN: Posse na Academia Pernambucana de Letras, citado.

3.3 - E D U C A Ç Ã O

- .1931. A Escola e a formação da mentalidade popular do Brasil. Recife , Governo de Pernambuco, Imprensa Oficial, 128 p. Tese para a Cadeira de Sociologia Educacional da Escola Normal do Recife.
- 2ª ed. São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 108 p. ' Vol. XVI da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho.

No prefácio à obra, elaborado pelo educador Lourenço Filho , estão patentes os objetivos do presente estudo. Indaga o mestre :

"De que forma , e até que ponto, a escola primária tem manifestado a sua influência na formação da mentalidade popular do Brasil ? Podem ser apreciados aspectos característicos dessa influência, segundo a variação de formas políticas e dos sistemas escolares empregados ? E o resultado de tais indagações permite-nos propor novas formas e sistemas , para que a escola venha ganhar em forma construtiva ?

Tais são os importantes problemas que o professor Estevão Pinto aqui define e procura resolver(...)' (p.3)

"Com o apóio e objetivo das falhas do sistema escolar de um dos grandes Estados do Norte , neste volume apontados de modo preciso e seguro, porque baseados em números ; e com a visão do que , em países de mais adiantada cultura já se realiza, o A.'

aponta-nos o caminho de uma escola amplamente socializada e socializadora. Não fica nas fórmulas gerais. Como consequência de pacientes inquéritos que realizou, indica-nos os remédios, muitos dos quais já plenamente vitoriosos, no estrangeiro e nalguns pontos do país, e outros originais. (...).

"Estevão Pinto vai adiante, e demonstra como a escola deve guiar e preparar as aptidões profissionais dos alunos, com a orientação e seleção vocacional, as classes sociais e o trabalho em comunidade"(...).(p.4)

É profundamente confortador verificar como, quase desajudados de todo, os nossos auto-didatas se empenham corajosamente, nestes estudos e não só agitam, com apóio em indagações muito sérias, os problemas fundamentais da moderna pedagogia, mas procuram sentidos através do prisma das nossas sociedades e das nossas realidades.

As bases da renovação sociológica na educação já passaram do capítulo das discussões acadêmicas, das simples proposições mais ou menos abstratas, para o terreno sólido das pesquisas objetivas, de que este formoso ensaio nos dá exemplo. (...)

E conclui :

"O estudo do professor Estevão Pinto é um esquema e uma diretiva. Sigam-na sem temores, os que creem na capacidade renovadora da escola!"(p.5)

A obra se estrutura nessa ordem :

1ª Parte-A escola em face de nossa evolução social e política.

Cap.I-Alguns aspectos da evolução social do Brasil,

Cap.II-Alguns aspectos da nossa evolução política;

Cap.III-Esboço do desenvolvimento do ensino público primário no Brasil ;

Cap.IV-Os resultados da nossa evolução social e política.

2ª Parte -A escola e a sociedade

Cap.Único-Como formar a mentalidade popular.

Conclusões.

O presente estudo é fruto de uma pesquisa de campo realizada em Recife.O objeto de estudo é a problemática que envolve a desassistida escola primária.

Para a realização dessa pesquisa , a equipe ,liderada pelo professor Estevão Pinto e formada por alunas da disciplina Sociologia Educacional da Escola Normal do Recife e por inspetores de ensino, teve como campo de atuação 18 grupos escolares do Recife.A aplicação dos questionários abrangeu alguns meses do ano de 1931.

Segundo o pensamento do autor, a "Educação não é preparação ,mas reconstrução contínua da experiência".(p.66)

Concordando com o pensamento do educador Lourenço Filho , afirma :

"A escola não pode ser o órgão máximo da educação ; nem pode, tampouco, ser concebida a priori ou exercer sua atividade insulada de outros fatores de socialização ,uma vez que a criança é o reflexo da comunidade e como reflexo da comunidade é que tem que ser integrada na escola".(p.68-69)

Isso porque

"Já notamos com Natorp e Dewey, por exemplo, que o

único educador é o meio social e a escola apenas um órgão de reforçamento e sistematização da obra educativa de cada comunidade"(p.70)

Ou, em outros termos

"A escola cujo fim é coordenar e sistematizar toda a ação educativa do meio social, (deve) cuidar não só' de ensinar, como também de descobrir, despertar e orientar as aptidões da criança".(p.77)

Suas proposições para uma escola renovada ,apresentam-se deste modo :

"Na escola renovada ,pretende-se que as crianças, desde muito cedo, aprendam a trabalhar em grupo, em comunidade. O trabalho por equipes, por comissão ou partido, o auxílio mútuo , a auto-aprendizagem do grupo ' são transformações por que se batem todos os renovadores"(p.83)

As conclusões a que chega o autor soam quase como se fora feita a pesquisa em épocas atuais, embora tivesse sido pensada e realizada em inícios dos anos ' trinta. A realidade de trinta para noventa -sessenta' anos - em que pesem as aplicações de numerosas ' (e válidas !) teorias educacionais, não conseguiram extirpar o mal do analfabetismo, e quando o ensino é ministrado , cuida-se apenas de informar ; a formação é quase descuidada, a prova disso é a falta de ' consciência social e política, notória em quase todos os movimentos sociais e políticos, mesmo contando com o concurso de classes sociais esclarecidas, que são iniciados e não têm a consequência desejável.

Lembremo-nos que muitas vezes surgem métodos eficientes que procuram informar/formar ,procurando dar consciência sócio-política aos alunos , mas, esses '

mesmos métodos são alijados do processo porque os mesmos podem ser perigosos ao sistema ; estamos refletindo precisamente sobre a aplicação do Método Paulo Freire!

Na visão de Estevão Pinto :

"A nossa escola pública primária esquece a sua finalidade social para reduzir-se, simplesmente, a ' uma escola de primeiras letras".(p.99-100)

"A escola, no Brasil , pouco ou quase nada influenciou na formação da mentalidade popular.Há uma grande ' distância entre ela e a família ; maior ainda, consequentemente, é a distância , que a separa da comunidade geral".(p.97)

Apresenta como idéias renovadoras a simbiose escola-sociedade, uma sendo o reflexo da outra, buscando o equilíbrio :

"A escola nova revela uma grande importância à ' educação física, ao cultivo dos sentimentos primários (...),mas, em conexão com essa idéia de vitalidade , não devemos esquecer a concepção social, que faz da escola um reflexo da comunidade e, como tal, a própria sociedade em miniatura"(p.101)

O autor enxerga no descaso administrativo , refletido ' nos salários não satisfatórios, uma das causas básicas ' que não permitem a provocação das mudanças ; de fato , com os "humildes honorários que se pagam ao nosso magistério "(p.84) ficam os professores desmotivados a atualizações e desestimulados para a aplicação de novas técnicas, pois isto requer para si, preparo , atualização e disposição para o enfrentamento dos problemas novos. ' Isto era em trinta, isto se processa na década de noventa , a prova disso não as inúmeras greves de professores que buscam através dessas reivindicações, melhoria'

de salários ,para que possam pelo menos garantir o sustento do dia-a-dia.

Refletindo sobre o processo educativo, chama a atenção o autor para aquilo que já era preconizado pelos antigos professores romanos : à guisa da busca de uma educação funcional, estampava-se nas escolas, em letras bem visíveis a frase "Non scolae, sed vita discimus" ; nas palavras de Estevão Pinto, a ênfase é : "Aprende - se para fazer e não para saber"(p.70)

A PROPÓSITO DE CERTOS PRECONCEITOS

Estranhamos numa obra desse porte , onde a tônica é tentar aclarar e acabar com certos preconceitos, a afirmativa :

"O meio social (brasileiro) composto ,em sua maioria, de aventureiros ou fidalgos arruinados, cuja principal ambição era a riqueza fácil e imediata" (p.9). Ênfase nosso.

Em outro parágrafo, o autor procura, usando eufemismos, continuar com o mesmo pensamento :

"É verdade que alguns senhores de engenho e fazendeiros ,descendentes das velhas linhagens fidalgas da península"(p.13). Ênfase nosso.

A propalada formação inicial brasileira composta por "bandidos", "degredados", "réus", foi a fórmula ideologicamente bem urdida e usada para que permanecessemos na condição de "povos inferiores", portanto, sujeitos ao colonialismo, sem dor de consciência. Mesmo na década de trinta, essa tese foi derrubada por inúmeros cientistas sociais que demonstraram que ao lado de "degredados" , vinham pessoas de bem e trabalhadoras, dispostas a vencer pela fadiga da faina diária e construir um

país vitorioso e livre , os inúmeros movimentos libertários traziam essa bandeira.

Outra afirmativa a ser discutida é a propósito do ' processo de escravismo :

"Em geral, os nossos professores incutem no ânimo das crianças uma idéia a respeito do processo de colonização empregado pelos portugueses no Brasil. Tratam de lastimar a escravidão e por em relevo a prosperidade da colonização europeia ' nos Estados Unidos.

É um preconceito errôneo, que se deve combater. Sem escravos nenhuma nação começou, disse-o ' O. (liveira ?) Martins .A própria colonização chamada puritana, na América do Norte, recorreu a escravidão".(p.10)

Em nosso modo de entender, uma coisa é reconhecer o fato da escravidão em diversas civilizações, outra ' coisa é fazer a apologia da mesma , procurando dar ' razões ao processo colonizador. Na crítica do autor ' aos professores que procuram impor uma "idéia falsa" ao colonialismo, deixa subtendida a práxis , aí sim, falsa, do português leal, honesto , que tratava os escravos com respeito e dignidade, como foi aventado ' por certo estudioso : uma escravidão diferente nos ' trópicos, uma escravidão modelar, amaciada !

O uso do termo Primitivo , empregado em : "Família brasileira primitiva"; "vida familiar primitiva"(p.17) (grifos nossos) nos parece completamente descabido, ' porquanto o autor não estava fazendo elaborações teóricas em torno dos índios brasileiros que, já nessa ' época na região Nordeste , onde retira os dados para a

sua obra, eram aculturados, não primitivos. Em seus trabalhos antropológicos posteriores, apesar das ligações com as idéias de Lévy Bruhl, refaz sua maneira de enfoque sobre índios e a denominada "sociedade nacional".

.1932. O dever do Estado relativamente à assistência aos mais capazes. Recife, s.ed.

.1933. O problema da educação dos bem dotados. São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo. Biblioteca de Educação, organizada pelo Dr. Lourenço Filho, Vol. XIX, com 15 gráficos. Obra prefaciada por Lourenço Filho.

2ª ed. 1933. Madrid, Revista de Pedagogia de Madrid, Vol. 33 da série "La Nuova Educación". Traducción de Gervásio Manrique, sob o título La Educacion de los dotados. Prefácio de Lourenço Filho, publicação sob o patrocínio de Lourenço Luzuriaga. Ed. ilustr., com 15 gráficos.

Estuda o problema das crianças denominadas bem dotadas, resultante de pesquisas realizadas em escolas do Recife.

Em prefácio a obra, Lourenço Filho assim a analisa:

"De todos (os) problemas, e para os quais se apresenta armado não só de ampla informação, mas também, e o que mais importa, de dados de experimentação no país, o professor Estevão Pinto nos dá, neste belo volume, uma visão geral, clara e perfeita. Nele não está esquecido nenhum aspecto do problema, tão grave e complexo, como vimos. O A. adota e defende os seus pontos de vista com objetividade, sem entusiasmos pueris, apoiado sempre nos resultados de investigações dignos de confiança. É um estudo equilibrado e profundo, muito embora não tenha o

desenvolvimento que a complexidade do tema estaria a reclamar, nalguns pontos.

Julgamos que a leitura deste ensaio seja do maior proveito aos nossos mestres primários!"(p.6)

Na obra, o autor critica a errônea posição do professor, que, frente a alunos bem dotados, tentam exaltar sempre, em detrimento a alunos "normais" que não os conseguem acompanhar ; dada a situação, aconselha:

"Ao professor cabe evitar os louvores inoportunos, ou cheios de exaltação, porque os bem dotados podem adquirir a impressão de que se constituem entes de natureza diferente dos demais(...).

(Se) os bem dotados são os padrões, os modelos, o estímulo, enfim, de classe, cabe-lhes a missão de amparo e ajuda aos mais débeis".(p.24-25)

Para o autor, o ideal são classes especiais para os alunos bem dotados pois a "mistura com os medíocres e sub-normais, o aluno bem dotado acaba por perder o interesse pelo estudo. Torna-se indolente, quando não indisciplinado ou incorrigível"(p.27)

"No Brasil nada se tem feito nesse particular, a não ser (certos) ensaios fragmentários.(...) Já em 1924, em relatório apresentado ao governo, o professor Ulisses Pernambucano (...) lembrava a conveniência da seleção e educação dos bem dotados. A lei orgânica do ensino pernambucano (1928), cogitou do assunto e estatuiu, no artigo 159, a criação de classes especiais para os retardados e supernormais. Deveriam instalar-se na Escola de Aplicação, anexa à Escola Normal

de Pernambuco as classes segregadas,mas a verdade é que, até hoje,nada se fez em tal sentido". ' (p.36)

Vai de encontro a determinados preconceitos então vigentes na sociedade brasileira,que apontam ser certas deficiências , predestinação de certos indivíduos , aqueles a quem a natureza escolheu para ser a escória da sociedade, sem direito a um retorno,ou a uma reabilitação:

"Repete-se, então a velharia de que o deficitário ou débil mental é um criminoso nato e um predestinado à vagabundagem, à embriaguez, à prostituição, ao pauperismo.Autores como Backmar & Gillins,Vermeulen,Ferrari e até Goddard tiraram tais conclusões de inquéritos mal estudados".(...)

O exame mais cuidadoso das estatísticas veio modificar profundamente as idéias a respeito da relação entre a delinquência infantil e a debilidade mental , porque se observou que nos dados referentes aos deficientes mentais (imbecis e idiotas)estavam também englobados os atrasados escolares,as inteligências rudes ou embotadas,os alunos fracamente débeis"(p.18-19)

O autor conclui sua obra afirmando que

"O Estado moderno caminha para uma forma de duradoura organização,que solicita,cada vez mais , o desenvolvimento das elites culturais ou técnicas. (...)

Com o desenvolvimento das elites culturais ou técnicas,não queremos dizer ,todavia,que se deve incentivar a formação de classes privilegiadas ou favorecidas, A seleção e educação dos bem dota--

dos far-se-á por um processo simultâneo, jamais sucessivo, o qual não deixa margem a que se invoque o argumento da separatividade social. A verdadeira igualdade é aquela que oferece a todos ' os homens a mesma possibilidade de expansão, de acordo com os dotes pertencentes a cada um. A assistência pública aos bem dotados é, em suma, ' uma seleção artificial, que se justifica, em face ' da lentidão e dos imprevistos da seleção natural ou biológica. (...)"

"A criança devida na escola devida, ou melhor, a escola de caracterização, e não de difusão, que ' é o nosso caso" (p.99 a 101).

.1937. Ulysses Pernambucano e a Escola Normal de Pernambuco .

IN: Estudos pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. Recife, Empresa Jornal do Commercio, pp.49-'50.

Trata da obra educacional de Ulysses Pernambucano ' frente a Escola Normal, destacando inclusive a questão da merenda escolar.

.1950. Uma necessidade e não um luxo, a Faculdade de Filosofia do Recife, Diário da Noite, Rio de Janeiro, 11 maio.

Trata-se de entrevista onde Estevão Pinto demonstra a importância do ensino universitário na área de Ciências Sociais.

.1950. A propósito da criação da Cidade Universitária do Recife. Folha da Manhã, Recife, 10 nov.

.1950. Bacharéis em jornalismo serão nomeados professores da Universidade do Recife. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 novembro; A Manhã, Rio de Janeiro, 14 novembro; Diário Trabalhista, Rio de Janeiro, 14 novembro; Diário de

Notícias, Rio de Janeiro, 14 novembro; Diário de Pernambuco, Recife, 15 novembro.

.1950. Curso de jornalismo para a Faculdade de Filosofia do Recife. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 15 novembro.

Trata-se de entrevista concedida por Estevão Pinto a respeito da necessidade do Curso de Jornalismo.

.1950. A escola do futuro. Diário de Pernambuco, Recife, 10 de dezembro.

Transcreve-se o discurso de Paraninfo na colação de grau das professorandas do Instituto de Educação de Pernambuco, turma de 1950. A cerimônia acontece no Teatro Santa Isabel, do Recife.

O autor disserta principalmente a respeito das novas técnicas educacionais.

.1952. As origens do índio brasileiro e a organização do ensino Universitário(...). Diário de Lisboa, Lisboa, 11 maio.

Discorre sobre sua obra de antropólogo e a situação educacional da Universidade do Recife, especialmente no tocante a execução do plano da Cidade Universitária.

.1953. Alunos da Escola de Filosofia de Pernambuco visitarão a aldeia dos índios Fulniô. Diário de Pernambuco, Recife, 15 de setembro.

Disserta sobre excursão chefiada por Estevão Pinto que seguirá com alunos dos cursos de Geografia e História para realizar pesquisas entre os índios Fulniô. Seguirão os professores Manoel Correia de Andrade, Waldemar Valente, Tadeu Rocha e Gilberto Osório.

.1954. Em construção a Cidade Universitária do Recife. Folha da Manhã, Recife, 26 ago.

Trata-se de entrevista onde o antropólogo e educador ' Estevão Pinto discorre sobre o ensino universitário no Recife. Trata ainda a respeito de sua obra antropológica e suas pesquisas futuras.

.1961. O Brasil, em matéria de Universidade, ainda está na era colonial. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 dezembro.

Entrevista onde Estevão Pinto disserta acerca do ensino universitário e de sua obra, especialmente aos trabalhos ligados ao Instituto de Antropologia, que planejou e pôs em funcionamento.

..

3.4 - L I T E R A T U R A

4.a - O B R A P O É T I C A

.1913. Mozaicos (Versos). Maceió , Tipographia Commercial. 78 p.
Assina-se Estevam Pinto. Obra dedicada a Menezes Júnior.
Segundo o autor "Mozaicos" (sic) são pedrinhas embutidas, incrustações lavradas , coloridas, gravada em cada " face ; as impressões de meu viver fugace".

Conteúdo da obra : Magnólia das estradas; Réquiem; Navio; Miss Ruth ; Versos ao léu do vento; Relíquia, Sonambolismo; O Jarro; Barcarola; O Tamarinho.

"IMPRESSÕES DE MEU VIVER FUGACE"

Se o poeta não fosse um "fingidor" e a arte fosse o retrato concreto da vida , se escrevesse realmente aquilo que sente, imagina, aspira, teríamos em Mozaicos (Versos) um retrato ampliado das angústias e esperanças de um jovem aspirante a poesia, de apenas dezoito anos.

Contrário a outros jovens de sua geração , o poeta demonstra, já nessa idade, ter absorvido uma farta e qualitativamente significativa carga de leituras , que o permite discorrer até sobre temas pouco versados , alguns até inusitados , com facilidade e domínio de técnica.

Como inúmeros poetas de seu tempo , e talvez por estar em voga, sua poética está bastante povoada de ' imagens e figuras míticas da cultura greco-romana, o que nos faz supor , uma espécie de antecipação ao seu ' gosto pela História da Civilização , a qual seria mestre e publicaria livros didáticos.

A época de sua estréia como escritor, é um período ' bastante eclético, em termos literários , onde ainda ' predomina o gosto parnasiano na forma e o simbolismo ' nas imagens e criações ; talvez por essa transição, ou motivado por ela , seus versos sejam livres de certas ' amarras formais e possuam maior liberdade de composição , porquanto , a metrificação não rígida, é um dos ' predomínios de sua obra.

Do ponto de vista temático , o amor domina a sua ' obra ; não o amor carnal , a sensualidade desenfreada; antes , o amor contido , pensado , construído, sofrido; quase deixa perpassar no conjunto dos poemas o amor ' platônico, irrealizável , inatingível.

Poucos, muito poucos são os rasgos sensuais incontidos , onde o personagem se liberta e meio a pedir perdão pela falta cometida , assim se expressa :

"Os seios dela são também dois pomos de ouro:
Fontes de vibrações e sensualidades
De desejos de vibratilidades
Forrado de setim rozado e loiro..."(Versos ao ' leu do vento)

"A noite , quando volto, ela coloca, cerra
Aos meus lábios que sugam sôfregos, amantes,
Como raiz sugando a seiva à terra"(Versos ao ' leu do vento)

Em verdade , a mulher em sua obra reflete , não ' a criatura viva e vibrante , ansiando para ser desejada, amada , possuída ; antes é um ser cálido , puro , angelical . É uma figura idealizada , inatingível , intocável , que a chega a comparar com santa , como na forma idílica , onde demonstra o amor ' pela cantora viandante :

"O seu corpito d'epiderme rosa
Faz-me pensar pujil agreste
Duma santa de aldeia, milagrosa!" (Sonambolismo)

"Sinto quando ela surge guitarrando
Vivos estremeções de apaixonado...
Lá vem Nossa Senhora caminhando,
De olhar tão doce e tão magnolizado."
(Magnólia)

"Vendo-a de baixo para cima, penso
Vê-la tornar-se sobrenatural," (Miss Ruth)

"Ela é o exemplo do amor santo, profundo,
Onde se mira, a noite, o mundo gerador"
(Versos ao léu do vento)

O platonismo, o amor nos moldes medievais, faz o poeta comparar a mulher , não com o ser vivo, desfrutável , mas com flores perfumadas :

"Lucrécia, tão branquíssima, flutua
Como, à beira dum lago, a flor nevada."
(Sonambolismo)

"A silhueta de lírio de Lucrécia
Foje-me toda, toda, vaporosa!" (Sonambolismo)

"Seus olhos de mulher açucenal,
Tristes como orações dum miserere"

(Sonambulismo)

"Seus olhos de pureza açucenal"

(Sonambulismo)

"Ela nasceu para o lirismo eterno,
Miss Ruth é a própria configuração
Da própria deusa tão glacial do inverno,
Sob as vermelhas vestes do verão".

(Miss Ruth)

"E o seu corpo franzino de duquesa
Minguado me parece no desgosto"

(Sonambulismo)

"Minha cantora tem perfil que o bardo
Outrora via, a noite medieval!"

(Magnólia)

"Ela não sabe a influência que derrama(...)
Em cada coração pondo uma chama
E no peito um tantalo profundo"

(Miss Ruth)

"Aquela voz infiltra frio dardo,
Anestiza o desejo mais carnal!"

(Magnólia)

"E por não descobri-la me angustio".

(Sonambulismo)

Denunciando a temática do amor medieval, irrealizável e sofrido, surge a expressão do desejo de se transportar a aquele tempo ; uma volta ao tempo para a realização amorosa plena, é o que almeja, e em sua poética chega a

alcançar :

"Outrora os menestréis trovavam sob a arcada
Das góticas janelas".

(Barcarola)

"Eu me julgo e me sinto transportado
Para o país medievo da ilusão."

(Sonambulismo)

"Eu desejava ser um pajem medieval(...)
Ou , talvez, ser grão-duque em seu cantão feudal!"

(Barcarola)

"Enquanto eu barquejasse, a minha noiva iria
De guitarra , a cantar..."

(Barcarola)

Sentindo a volta ao seu parnaso medieval impossível, ' transfere a sua Pasárgada para o misterioso oriente, onde pode concretizar seu ideal amorável :

"...e penso ver
Na sala dum café de Calcutá -
A bailarina indiana no exercer
Os profundos mistérios de Raddah."

(Miss Ruth)

"Por sobre a loira cabeleira grande
Cintilam sárdios, perlas e safira
Comprada no bazar de Samarkanda"

(Miss Ruth)

"Cuido que sou mais um segundo Herodes
Vendo o corpo sensual de Salomé
Numa dança satânica de bodes(...)"

"Ela me surge, a bizarrenta indiana(...)

Como a Sita do livro Ramayane"

(Miss Ruth)

"...e, na vertigem

Bizarra desse baile oriental"

(Miss Ruth)

"Perfumes orientais e fino aroma,

Toda entregue às carícias de Titon..."

(Miss Ruth)

"Espiraleia o cristalino talo

Duma flor oriental e vermelhã"

(O jarro)

Apesar das buscas , o irrealizável é mais parente, ' grita mais forte , e os seus desejos marcadamente inal- cansáveis , por não serem satisfeitos , tristemente ' pensa o poeta no desígnio de partir para longe, sem destino determinado ; o desalento toma conta de sí :

"Sinto em minh'alma o exílio do forçado(...)

Vivendo condenado

A sentir dentro d'alma

Cativa,

Uma saudade que até faz matar..." (Navio)

"...era partir, por uma dessas tardes,

Todo o desejo meu". (Navio)

..

Seria simples modismo de época o apelo às inatingíveis figuras da cultura greco-romana sempre recorrentes em sua obra poética ou, sentindo seus desejos sempre insatisfeitos - pois eram montados em padrões ideais inatingíveis - o autor sempre os transportava igualmente para algo distante, impossível ?

O que é patente, facilmente detectável em sua obra , são as variadas figuras próprias da cultura da Grécia e de Roma clássicas ,que mesmo na atualidade, ainda povoa as cabeças de certos poetas e estudiosos.Ou , simplesmente seria apenas a admiração desmedida , o amor que o levaria aos caminhos da História da Civilização que despertara fortemente obrigando-o a pensar,não no real,mas no inatingível ?

Exemplo dessa recorrência encontramos em todos os poemas ,desta forma :

"Branca vestal do rei Numa Pompílio
Princesa medieval dos trovadores...

(Magnólia)

"Deixais junto à minh'alma o fel de Prometeu".

(Navio)

"Dum capitel do estilo de Corinto!"

(Miss Ruth)

"A cortina de púrpura da Grécia(...)
Silhueta de lírio de Lucrecia".

(Sonambulismo)

"Como braços de ninfas semi-nus
Em lubricos amplexos de Pan".

(O jarro)

"Bonito como Apolo".

(Barcarola)

"Árvore secular, Atlante de verdura"

(O tamarinho)

..

Comentando, de forma estimuladora e otimista ' a obra "Mozaicos(Versos)" ,D'Altavilla (1914:1) assim o analisa :

"Em todos (os versos) o poeta é rico de ' sentimentos e formas.(...)

Tem o poeta, como todos os românticos, essa tristeza letal que sempre vive impregnada nas almas simples como um perfume antigo e perdurados de violetas que morreram' com o outono(...)

Que Estevam Pinto prossiga confiante ad gloriam".

Na visão do consagrado poeta Mauro Mota (MOTA , 1968 :127-135), após a publicação da obra, o autor "logo de pois , renegaria, por julga-la 'pura manifestação de sarampo' literário de todo brasileiro'.

Em análise a obra poemática, assim se expressa nosso festejado poeta :

"Mozaicos representa a peça inicial para a interpretação de Estevão Pinto. Revela um ' artífice do verso , que ainda hoje poderia ser chamado , uma impregnação baudelaireana , o espírito das Fleurs du Mal ; também, em algumas páginas, a língua.

Se o autor tivesse ficado em tais sonetos bilíngües , os sonetos bilíngües talvez '

nem tivessem ficado nele. Ninguém estaria ' hoje aqui a tira-los das gavetas de sete ' chaves. Mas eles foram o começo de quem ' não ficaria no começo, de quem iria afirmar -se em outro gênero, um cientista social , com ênfase na etnologia indígena , situado entre os mais importantes do seu tempo!"

...

.1913. Jornal do Parnaso, Magnólia das Estradas. (Do livro Mozaicos). Jornal de Alagoas, Maceió, 3 agosto:1.

.1913. Trovas. De olhos. Jornal de Alagoas, Maceió, 31 agosto : 2.

Trata-se de cinco trovas.

.1913. Ode a 16 de setembro. Jornal de Alagoas, Maceió, 16 setembro:2.

.1925. A voz da natureza. Soneto. Diário do Estado, Recife, 25 outubro.

.1926. Madrigal. Poema. Rua Nova, Recife , 2(47) s.p.num.

.1926. A onda . Soneto. Rua Nova, Recife, 2(48). s.p.num.; s.d.

.1952. Caixa Postal. Diário de Pernambuco, Recife, 4 abril.

Trata-se de transcrição de carta , enviada de Paris, ' endereçada ao poeta Mauro Mota. Descreve as impressões do aeroporto de Yoffa, Espanha, com três graus de temperatura, e sobre Paris, afirmando :

"A minha primeira impressão, ao desembarcar em Paris , não foi muito boa. A cidade ainda não havia recuperado, de todo , a sua célebre iluminação. A primavera tardava. Em breve, todavia, Paris começa a descobrir os seus tesouros.

Recordo que foram essas, também as primeiras impressões de Oliveira Lima - uma cidade parecendo, a princípio, desengraçada e provinciana, para logo mais, empolgar o visitante, com o seu trecho, beirando o Sena, que vai do Louvre aos Campos Elísios, cujo 'donaire' não tem rival no mundo. Mas isso já é outra história. E Paris chama-me Paris está de braços abertos."

..

Para conhecimento da poética de Estevão Pinto, vale transcrever duas de suas produções, datadas de 1926:

MADRIGAL

"Se eu pudesse, querida, ser a fita
 Que prende as tuas tranças,
 E ser os sapatinhos, com que danças,
 Ser aquela esmeralda pequenita,
 Que no teu dedo habita,
 O vento, que te envolve, o vento, cheio,
 Do aroma de teu seio :
 Eu vivera feliz, como é feliz
 Nas cenas pastoris,
 O pastor, que entre ovelhas adormece,
 À luz branca da lua... Se eu pudesse..."

A ONDA

"A onda é cinzeladora. É um artista, que tem
 A tortura febril das formas curvilíneas;
 E é quem dá polimento aos baixios, e quem
 Traça o molde radial das arterias e actineas..."

A onda é vibrante, faz desgarrar-se em cem
 Milhões de grãos a pedra, e tem manhas femíneas;
 Ao passo que abre a rocha, a onda esmalta também
 As valvas espiraes das volutas e limneas.

Mesmo que dizer onda é dizer fibratura,
 Pulso que não parou, que não para, que não
 Há de parar jamais - a vaga se afigura.

A onda vale a investida, o gesto, o golpe, a ação,
 Eis a imagem da vida e o homem à imagem pura,
 Nesse nunca findar veem, ondas vão..."

4.b - T E A T R O

Além de poeta, também, mesmo de forma bissexta, dedicou-se ao teatro, como teatrólogo publicou duas peças teatrais que foram, segundo Souza Barros, encenadas; são elas:

.1925. Folhas Murchas. Comédia em um ato. IN: Revista Pernambucana, 2(15), Recife, set.

.1925. Maria de Caná. Revista Pernambucana, 2(18), Recife, dezembro.

...

CRÍTICAS A OBRA

ESTEVÃO PINTO ESCRITOR

"Seus trabalhos científicos foram escritos numa linguagem literariamente criadora, o que comprova as suas qualidades de escritor nato".

Do Necrológio. Boletim do IJNPS, Vol. 16-17

"Em Estevão Pinto combinam-se em equilibradas proporções , duas condições que só raramente se encontram juntas : a de cientista e a de escritor. A de 'Scholar' e a de estilista. Na verdade, Estevão Pinto sabe dar aos temas áridos forma literária capaz de enriquecer a atuação criada em torno de fatos e de coisas aparentemente sem importância, mas culturalmente válidas".

Waldemar Valente. Eterno estudante.

Recorte s.d.

"Escritor dos melhores em língua portuguesa"

Mário Souto Maior e Waldemar Valente. VALENTE e SOUTO MAIOR (1988:46)

..

Pela leitura e comentários à obra poética de Estevão Pinto, queremos agradecer a escritora e professora Arriete Vilela Costa, da Universidade Federal de Alagoas, mestra em Literatura, pela Universidade Federal da Paraíba.

3.5 - T R A D U Ç Õ E S

- .THEVET, André. 1944. Singularidades da França Antártica, a que outros chamam América. Prefácio e Tradução de Estevão' Pinto, com numerosas notas. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Col. Brasiliana, Vol. 229. Prefácio pp. 7-30.
2ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1978. Ver Apêndice.

Relativamente fácil seria a tradução , por um especialista na materia , de texto de autor contemporâneo ; mesmo assim , todos sabem das dificuldades que encontram nessas empreitadas , porquanto certas expressões próprias de um determinado povo não são traduzíveis , por exemplo. Resta então ao tradutor o recurso as adaptações nem sempre fáceis e que nem sempre dão a idéias exata do pensamento do autor , aquilo que ele quiz expressar exatamente quando ali colocou aquela ' expressão.

Se já é difícil traduzir texto atual , imagine texto' de séculos anteriores , sabendo-se da dinâmica da linguagem em todas as línguas vivas.

Lidar com o francês do século XVI requereu do autor ' não apenas o domínio da língua , mas um esforço muito maior no confronto com fontes seiscentistas , para que a comparação dos textos trouxesse à luz a certas questões , e isso se observa na leitura das notas e na bibliografia utilizada , como esforço de se ter um texto definitivo e em linguagem simples , clara e atual. As 625 notas de pé-de-página do tradutor tem uma representação grandiosa ; pois , não apenas representa' erudição , esforço de pesquisa , mas uma busca inc-

sante de trazer para a língua portuguesa obra marcante e sem as dúvidas atroztes que envolvem o leitor que se lança na aventura de estudar os cronistas, tão interessantes e tão preñhes de linguagem figurada.

Após a leitura cuidadosa da obra , tem-se a impressão que o tradutor não apenas cumpriu seu objetivo ; a sensação é que ele fez muito mais , fez obra de complementação , revisão, atualização , desfazendo equívocos que há quatrocentos e tantos anos são vistos e tidos como deslizes do autor.

Louve-se também o tradutor por trabalhar na obra original, evitando interpretações de outros tradutores , disso diz Estevão Pinto :

"A presente tradução foi feita através da edição de 1558 (Paris). Também me servi da edição de Gaffarel (1878) , que é acrescida de seiscentas e sete notas. Entretanto, dessas seis centenas de notas , só utilizei realmente umas poucas delas - cerca de quarenta - sendo que algumas foram mesmo ampliadas ou robustecidas de novos dados. Muitas outras notas de Gaffarel tiveram de ser por mim desprezadas , umas porque , como é natural , já não estavam em correspondência com o estado atual dos conhecimentos científicos (...) outras porque não passavam de erros ou lapsos desse ilustre escritor francês". PINTO , IN: Thevet, 1944: 6.

Algumas observações do tradutor a respeito de certas controvérsias envolvendo autor e obra são muito peatinentes ; vale a pena lê-las

"Que as Singularidades (...) foram bem recebidas pelo público , são uma prova disso as suas suces

sivas edições. Tal êxito, todavia, teve a duração do fogo de palha, pois o bondoso frade foi logo' acusado de fantasia as histórias que contava. ' Três séculos e meio depois, ainda era essa a reputação de Thevet.(...)

Acha Gaffarel que Thevet , embora descrevendo ' fielmente tudo o que observou em pessoa , tem , ' não obstante , a tendência para o exagero. E ' quanto aos fatos , de que não foi testemunha , ou nos quais não tomou parte , é que o frade cai em falta grave , devido à sua facilidade em aceita-las sem o menor exame. Daí , as histórias para em balar meninos e os absurdos , de que se ressentem sua obra".PINTO (1944:19)

"Tive a surpresa de verificar , entretanto , que' uma altíssima percentagem das informações presta das por Thevet , sobretudo os dados de ordem et nológica e de ordem histórica , -são reais.(...) Mas ao etnólogo (por mais que isso possa arrepiar a pele do leitor), pouco importa a mediocridade do observador. Por outras palavras , o etnólogo quer saber apenas se os fatos observados são reais, abstraindo deles a deformação operada pelos comentários do moralista , ou pelos reparos do ' crítico superficial. Esse, aliás, é o pensamento' de A. Métraux , que, por não o ter bem explorado , parece ter causado estranheza a Almir de Andrade!" PINTO, IN: Thevet, 1944:20.

O esforço de Estevão Pinto recebeu crítica elogiosa de dois grandes estudiosos brasileiros :Herbert Baldus e Sílvio Rabelo, nos termos:

"Estevão Pinto , prefaciador , tradutor e anotador da edição brasileira (...) acha que 'estariam incompletos sem a obra de Thevet ...o estudo dos pajés , o das operações bélicas , o das práticas mortuárias , o das doenças e o de certos aspectos da civilização material dos indígenas do Brasil".(...) E acrescenta : 'É ainda opinião dos entendidos que foi o autor das 'Singularidades quem deixou a primeira e a melhor notícia do processo de fabricar a tinta de jenipapo...'"

(...) Se compararmos, porém, esta notícia (...) com a informação a respeito dada por Hans Staden ,no capítulo 37 da sua monografia sobre os Tupinambá aparecida' em 1557, portanto no mesmo ano que a edição princeps das 'Singularitez (...) verificamos a injustiça daquela 'opinião dos entendidos' infelizmente não citados. (...)

O valioso trabalho de Estevão Pinto é ainda enriquecido por erudito estudo do Dr.Eustachio Duarte sobre o "Pian" (...)doença mencionada por Gabriel Soares de Sousa sob o nome de 'boubas' ". BALDUS,1954:721-722.

..

"Decorridos mais de três séculos (...) as 'Singularidades da França Antártica' são traduzidas pela primeira vez para a língua portuguesa.Estevão Pinto foi o autor dessa tradução.De um especialista em assuntos 'de etnografia como é Estevão Pinto -com uma probidade intelectual reconhecida por todos os modernos americanistas - tínhamos de esperar um trabalho com a segurança , a correção e o cuidado do que ora entrega ao público brasileiro(...).

Não foi um trabalho ameno reduzir ao português dos 'nossos dias a língua que o frade usara no século XVI' (...)

Além da tradução , há a considerar as numerosas notas postas ao pé das páginas -notas que só um mestre na ' materia poderia escrever, tal a erudição e o senso ' crítico que o tradutor revela.(...)

E com justiça Estevão Pinto , em excelente estudo de introdução , faz a reabilitação desse livro quando ' põe em relevo qualidades que só um bom observador e um espírito desinteressado, como Thevet , poderiam possuir".RABELLO,1965:170-174.

.MÉTRAUX, Alfred. 1950. A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guarani. Prefácio e Tradução de Estevão Pinto, contendo numerosas notas do tradutor. São Paulo , Cia. Editora Nacional, Col. Brasiliana, ' Vol. 267.

2ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979. Apresentação do prof. Egon ' Schaden. 225 p. Ilustr.

Tal como procederia vários anos depois Florestan Fernandes com sua obra "A função social da guerra na sociedade tupinambá" (FERNANDES, 1970), Alfred Métraux ' montou sua pesquisa com base na análise exaustiva das informações contidas nos cronistas e viajantes.

Ambos demonstraram na prática que antropologia também' se faz à base das notas tomadas muitas vezes de forma' impressionista por não especialista, sendo o maior esforço do etnólogo o confronto , a dilucidação, a interpretação dos informes , em um só termo : " fazer falar" as fontes primárias de um passado distante.

Metraux , nesse trabalho entende por religião não apenas fatos e eventos tidos como religiosos "per se", sua

visão é larga , abarcando até situações que aparentemente nada têm a ver com religião , por exemplo : agricultura , caça , guerra , navegação , técnicas , tabus , vida sexual , sonhos , reino animal ; estudados na ótica ou sob a égide de "Práticas mágicas e crenças diversas" ; quer dizer , é a cultura tomada como um todo para a ' compreensão de partes desse todo , o que permite ser ' classificado como autor moderno , embora tenha feito ' sua pesquisa com tão pouca idade , (vinte e três anos) e publicado em 1928.

A condição acertada de "buscar" a compreensão da parte pelo todo , é bastante criticada por Serafim Leite na obra "História da Companhia de Jesus no Brasil", verificando que

"A obra de Métraux ressent-se de 'sistematização forçada', pois vê 'instintos religiosos em simples manifestações folclóricas ou etnológicas ' (manifestações afins da religião , as que não são ainda a religião)" IN: PINTO (1979 :156, Nota i)

Estevão Pinto defende o autor nos termos :

"Métraux escreveu a sua Religião dos Tupinambás ' aos vinte e poucos anos e, desde então ele próprio o confessa , suas idéias mudaram totalmente ' em muitas coisas". PINTO (1979:156)

Diferentemente da tradução empreendida na obra de Thevet , com o estudo da obra de Métraux pode o tradutor ' dialogar com o autor e com isso tornar a pesquisa revista , refeita e atualizada.

A satisfação do autor é expressa através dessas palavras :

"Estou profundamente reconhecido pelo trabalho ' que tiveste com a tradução de meu livro e confes

so que, sob a forma brasileira, a obra em questão satisfaz-me mais do que a edição original. Vossas notas, que corrigem erros ou complementam o texto, constituem uma nova obra. Trata-se realmente de uma colaboração". (MÉTRAUX IN: Homenagem do Colégio Estadual do Recife).

As 146 notas apostas a tradução por Estevão Pinto, representam, segundo BALDUS (1954:450-451) "notável enriquecimento dessa importante obra". Opinião que se completa com a avaliação feita por SCHADEN (1979:XV), nos termos:

"Quando se promoveu a tradução portuguesa do livro, de que se incubiu, com notável diligência Estevão Pinto, o autor fez introduzir no texto uma série de alterações em frases ou parágrafos que já não correspondiam a sua primitiva interpretação das velhas fontes. Fato é que chegou a considerar, por assim dizer, definitiva a versão inserida na Coleção 'Brasiliana' em 1950".

O mesmo estudioso (SCHADEN, 1979:XV) na crítica feita a obra, assim se expressa:

"Apesar de publicada há meio século, o estudo nada perdeu de seu valor, não obstante as pesquisas que desde então se tem feito sobre o assunto. Coube a Métraux o mérito de ignorar as conjecturas gratuitas que se vinham fazendo sobre a religião Tupinambá e que se transcreviam, sem maior exame, em ensaios, em livros eruditos e até em manuais didáticos. Preferiu ir diretamente às fontes' (...). Resultou daí este volume, de há muito

indispensável(...)"

MÉTRAUX, Alfred. ? A civilização material das tribos tupi-guarani. Prefácio e Tradução de Estevão Pinto, com numerosas notas. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira.

No Prefácio a obra "A Religião dos Tupinambás", de autoria de Alfred Métraux, Estevão Pinto, seu tradutor, assim se expressou :

"Tomei o encargo de traduzir e anotar dois de seus principais estudos, isto é, aqueles que mais de perto nos interessam : A religião dos Tupinambás e A Civilização material das tribos Tupi-guaranis" (PINTO, 1979: XVII)

No entanto, a obra, embora anunciada pela Coleção Brasileira, infelizmente não chegou a ser editada.

..

APÊNDICE

UMA NOVA TRADUÇÃO DE THEVET
OU , A ARTE DE TRANSFORMAR
UM "JOVEM" TRADUTOR EM PIONEIRO !

Ao ver anunciada uma segunda edição das "Singularidades" de André Thevet , pensei incontinenti ser uma segunda edição da notável tradução feita por Estevão Pinto ; meses depois , ao encontrar a obra , percebi ser um novo trabalho, que ao invés de ser uma "edição crítica" como anunciada na segunda dobra , ou segunda "orelha" do livro , é elaborada , não diretamente do original, como a realizada por Estevão Pinto , mas da ' edição de Paul Gaffarel (1878) , confrontando com a primeira ' edição em língua portuguesa. A citação bibliográfica é

THEVET, André. (1502-1590)

As singularidades da França Antártica. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 271 p. (Coleção Reconquista ' do Brasil, Vol. 45).

Uma leitura nessa edição nos faz perceber que não há apresentação, prefácio ou introdução do tradutor, que explique a metodologia ou a técnica empregada no processo de tradução , nem mesmo de que edição foi a obra traduzida. A única explicação para a nova investida vem na segunda "dobra" do livro, escrita por J.E.F., que não se sabe se é o editor ou coordenador de edição , ou algum crítico ou comentarista.

Em uma situação normal, regular , por se tratar de obra do século XVI , requeria obrigatoriamente que o tradutor apresentasse a obra ao público, como fizera Estevão Pinto na primeira edição em língua portuguesa.

Como se pretendia uma "edição crítica" , conforme deseja o autor da "orelha" , não existe justificativa para a

exclusão das excelentes ilustrações , bem como a gravura do frontispício da primeira edição.

Do ponto de vista da honestidade científica, o "jovem" tradutor peca por não ter feito a devida citação do trabalho de Estevão Pinto , embora mencione em nove notas, idéias de Estevão , contidas nas seiscentas e tantas notas de pé de página, propositadamente retiradas pelo "jovem" tradutor.

Merece citação e reparos o que afirma J.E.F. quando comenta obra e tradução , nas dobras do livro. Na segunda dobra chega a asseverar:

"Chamamos a atenção dos leitores para as 178 notas de pé de página do jovem tradutor Eugênio Amado. Nas pegadas do pai, o polígrafo Milton Amado, revela a mesma incansável preocupação de tudo esclarecer, de retificar o que deve ser retificado , de identificar vocábulos desaparecidos.(...)

É tradução no sentido exato da palavra(..)
Jean de Léry, Paul Gaffarel, Estevão Pinto e outros preocuparam-se com (as) falhas (e) suas etimologias fantasiosas.(...)

(A presente obra tem) apurada tradução em edição crítica".

Com as nove notas em que Eugênio Amado cita os comentários apostos a primeira tradução brasileira, estão contidos nas páginas 82, 162, 175, 193, 197, 199, 204, 227, 255.

Em apenas três destas notas Amado discorda de dilucidações feitas por Estevão Pinto , o que vem comprovar que mesmo procedendo em mais uma demonstração de um silêncio conivente, não se conseguiu eclipsar a figura daquele que fez trabalho erudito e pioneiro.

CONCLUSÃO

Garra , pertinácia e persistência , foi o trinômio que nos ajudou a vencer a escassez de informações e conseguir elaborar , mesmo com certas lacunas , aquilo que para muitos parecia tarefa quase impossível , dada a falta dos dados empíricos necessários.

Durante sua elaboração tudo nos fez acreditar que o desejo de superar dificuldades foi tão desmedido , que ultrapassou a vontade de aquisição do conhecimento por se : estávamos , de fato , tentando provar a nós mesmos , que nada pode constituir barreira intransponível, quando o desejo da realização é legítimo , e desde que exista a disposição de fazer , os caminhos , aos poucos vão sendo abertos.

Evidentemente esta não é uma Dissertação modelar como a academia idealiza , tampouco era nosso propósito construir obra modelo , apenas tencionávamos elaborar um texto que respondesse a angustiantes questões de alagoanos e pernambucanos, a respeito de um estudioso que dedicou a sua vida a tentar compreender o homem nordestino e a cultura que ele faz emergir , a partir de sua inventiva , uma criatividade que, de fato , é o espelho da escassez a que está submetido, quase sem perspectivas de saída.

Como focalizar um autor dono de uma obra densa e pluriforme ? Para responder a esta indagação, optamos inicialmente para elaborar traços biográficos e estudar sua obra etnológica , mas algo nos impulsionou a entender que ficaria um trabalho deficiente , vez que seriam abandonadas suas obras de caráter historiográfico, a obra educacional , a literária e mais, as traduções a obras marcantes e significativas.

Depois de muito pensar , aceitamos a idéia do

nosso orientador , para quem seria racional enfocar de vez ' O Homem e a Obra como um todo , e demorar mais na obra etnológica , estudando-a , verificando sua contribuição e críticas feitas a determinadas escolas e certos estudiosos. Assim ' foi concebido , assim foi feito.

A Dissertação ficou elaborada em três partes integradas : O Homem , onde se descreve sua trajetória intelectual , enquadrando-a com acontecimentos processados ao seu redor e discussão de determinadas críticas feitas ao caráter de certas obras do etnólogo , procurando dar uma ordem lógica a questões que se falava à boca miúda.

A Obra , onde procuramos provar que o antropólogo não era apenas pesquisador de gabinete ; a verificação em sua obra didática ; a constatação do seu pioneirismo em relação a questão dos estudos sobre o negro em Pernambuco e a análise da obra etnológica , onde se procurou estudar suas obras principais. Por fim, procurou-se observar certa crítica anônima, a primeira de suas obras.

A Bibliografia , terceira e última parte , é onde se elabora não uma bibliografia convencional , mas uma bibliografia analítica , onde se procura demorar em determinadas obras significativas , verificando-se sua importância e contribuição ao conhecimento científico.

O estudo de sua obra etnológica nos fez perceber determinadas observações do autor , bastante pertinentes que aqui se alinham e se configuram como conclusão.

Este "ensaísta" ou "pesquisador versátil" na afirmação de NOGUEIRA (1979-1981:212) , apontado como parte integrante do grupo de "heróis civilizadores" da antropologia no Brasil, por CARDOSO DE OLIVEIRA (1986:227-246) , tendo sua obra equiparada a de Couto de Magalhães, Nina Rodrigues e Arthur Ramos por FERNANDES (1975:123) , tem sua vasta obra etnológica sistematizada por nós nesta ordem :

períodos	caracterização	obras marcantes
<u>DÉCADA DE 30</u>	<u>O INÍCIO</u>	- <u>Indígenas do Nordeste</u> (1935-1938); - <u>As máscaras-de-dança</u> dos <u>Pancararus</u> (1938).
<u>DÉCADA DE 40</u>	<u>CONTINUIDADE e</u> <u>BUSCA DE AFIRMA</u> <u>ÇÃO</u>	- <u>Muxarabis & Balcões</u> ' (1943); -Estudos variados sobre a sociedade indígena. Revistas " <u>Actas</u> " <u>Ciba</u> ".
<u>DÉCADAS DE 50/60</u>	<u>A CONSOLIDAÇÃO</u> <u>e o RECONHECI-</u> <u>MENTO</u>	- <u>Etnologia Brasileira</u> ' (Fulniô -os últimos ' <u>tapuias</u>), (1956); - <u>Muxarabis & Balcões e outros ensaios</u> (1958); - <u>Introdução à História da Antropologia</u> (1964 -1967)

Reflexionando a respeito da repercussão de sua obra ' entre antropólogos nordestinos e brasileiros na década de setenta, LACERDA (1990:3) avalia que devido a aceitação do estruturalismo-marxismo entre esses antropólogos ,eles abandonaram as obras de autores que tinham aderido a etnologia geralmente rotulada de ' "funcionalista" , autores que geralmente tiveram uma ação voltada para a aquisição de "coleções etnográficas" , com finalidades museológicas , seguindo uma linha de pensamento enquadrada no difusionismo ,que os levaram a análises exaustivas , com detalhes ' aculturativos ,que seriam "entronizadas" posteriormente pelo culturalismo de Franz Boas ; no caso de Estevão Pinto, o culturalis-

mo de Boas era entendido através de revisão feita pela ótica Freyreana que conseguia, segundo MOTA(1977:61-62)

"dar as raças um peso psicológico maior ' que o suposto pelo antropólogo, chegando a mencionar certas qualidades condicionadas' pela raça , ou até mesmo indicando algumas 'felizes predisposições de raça'".

"De Franz Boas- cita LEITE (1983:303)-Gilberto Freyre conserva o princípio de que ' não existem raças superiores e inferiores- o que , no ambiente brasileiro da década ' de 1930-40 , era um princípio senão totalmente novo, pelo menos esquecido pela gran de maioria".

Propomos apontar a contribuição etnológica de Estevão Pinto em três faces : a de Pioneirismo , as características definidoras da obra e as contribuições do estudo- so a antropologia brasileira , a seguir listadas :

PIONEIRISMO

-Suscita , em 1925, pesquisa sobre grupos negros em Pernambuco , através de levantamento a ser procedido no Diário de Pernambuco;

-Torna-se, junto a Gilberto Freyre pioneiro no ensino de sociologia no Brasil;

-Instala a Faculdade de Filosofia de Pernambuco , elaborando suas linhas de trabalho , pondo-as em prática;

-Cria a primeira cátedra de antropologia na Universidade Federal de Pernambuco montando sua estrutura acadêmica , dividindo-a em Antropologia Física e Antropologia Cultural. Essa disciplina motiva o surgimento do Instituto de An--

tropologia ,pensado e elaborado por sí próprio.No bojo desse Instituto , forma um grupo de assistentes , sendo ' dois deles médicos , aumentando com isso a tendência para a ' antropologia física;

-Alia-se a Carlos Estevão de Oliveira como pioneiro nos estudos sobre os grupos indígenas no Nordeste.

CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS

-Desenvolve tendência eclética em sua produção, tendendo para um perfil difusionista-culturalista, denotada pela preocupação com a expansão dos traços culturais básicos dos tapuias , com o rastreamento geográfico de suas migrações ; com a aceitação da decadência cultural de certas tribos indígenas e com as diferenças mentais entre o homem e seus produtos culturais ; com os conceitos de assimilação e aculturação.Sua ' análise de aculturação é ligada a Rondon , o que o leva a criticar a situação dos índios do Nordeste , submetidos a exploração fundiária.

Com certo teor de amargura, Ruth Cardoso exala ' seu pensamento em relação ao ecletismo em Antropologia :

"Quase tacitamente estamos aceitando o ecletismo como um bom caminho para o conhecimento e qualquer pergunta sobre as limitações ' impostas por este ou aquele método é impertinente".CARDOSO (1986:95).

-Apoia-se nas teorias de Alfred Métraux , na obra ' de Lévi-Bruhl e em noções de psicanálise freudiana para interpretar os mitos tupis;

-Emprega constantemente nas décadas de 30/40 os ' conceitos de Lévy-Bruhl , especialmente no que toca às funções ou mentalidade pré-lógica ; abandona essas idéias na década de 50/60, por concluir que elas não respondiam satisfatoriamente os questionamentos feitos ;

-Preocupa-se com "uma consciência histórica-autônoma" para o Brasil , ao lado de Euclides da Cunha , Arthur' Ramos e Gilberto Freyre. LACERDA (1990:5);

-Analisa ou resenha poucas obras de antropólogos contemporâneos , enquanto sua obra era bastante avaliada por estudiosos de seu tempo.

CONTRIBUIÇÕES

-Aceita por influência de Gilberto Freyre a teoria de Pitt-Rivers sobre a degeneração social de certos grupos indígenas , tais como os Pancararus, numa orientação claramente difusionista;

-Propõe novos focos de interesses teóricos na análise das sociedades indígenas do Nordeste , tais como : xamanismo , magia e religião , em diferentes contextos culturais;

-Retira o grupo dos Fulniô da classificação dos ' carirís , para um ramo do "phylum Macro-gê , da classificação' de Alden Mason;

-Abandona a linhagem carirí aposta aos Pancararu, para situar entre os Gê ou Tapuia;

-Considera , com base nos estudos de Curt Nimuendaju, Goeje e em observações pessoais o Iathê , dialeto autônomo e isolado ;

-Contribui com o fornecimento de dados para a reconstrução das formas de organização social dos índios do ' Nordeste , quando propõe o termo SIPE para nomear o que Max' Boudin denomina de Clãs , em relação ao grupo fulniô , embora entenda que esse grupo não possui todas as características do Sipe , mas dele se aproxima pelo sistema de matrimônio preferente , falta de soberania política e ligação dos grupos a determinadas espécies de plantas e animais, sem ligações com o totemismo , aproximando-se do Kiyé dos Apinayé.

-Em seu modo de entender , a divisão social em sipes é decorrente de simples precauções e preconceitos; as chamadas proibições simpáticas;

-Elabora a mais completa descrição do ritual do Ouricurí ,até então existente ,contando com substancial ajuda de Max Boudin.Relaciona essa prática com ritos de renovação , a "hierofania vegetal" da classificação de Mircea Eliade;

-Vai de encontro a expressão homem primitivo,porquanto nenhum povo vive em estado propriamente primitivo ; para tanto , evoca idéias de O.Spengler;

-Rechassa a expressão raça pura ,por entender que "o próprio homem paleolítico já estava miscigenado";

-Alia-se a Roquete Pinto na não aceitação das classificações lingüísticas e culturais por não atenderem as particularidades do Brasil ; para sí , o critério sociológico deveria sobrepor-se ao lingüístico; o critério antropológico , em sua idéia , deveria ser rejeitado, devido a não ser possível fixar o tipo antropológico do índio brasileiro, bastante mesclado;

-Entende que ao invés de se estudar ou eleger como norma teórica a classificação lingüística dos grupos indígenas ,sempre falhas, o mais coerente seria analisar esses grupos através dos processos de aculturação ;

-Propõe linhas de trabalho,com base em dados de Ethel Emília Wallis , para melhorar a educação dos índios nordestinos ; essa proposta poderia , no entender de Gilberto Freyre , se estender aos índios de todo o Brasil;

-Entende que a "santidade" encontrada em certos movimentos messiânicos e milenaristas ,têm origem na figura do pajé ;

-Propõe substituir a expressão "Civilização Material" por "vida econômica",mesmo ressaltando que não se pode

excluir dessa expressão as funções mentais, sociais e ideológicas ;

-Vê na figura do Pe.Alfredo Dâmaso personificação e figura modelar do verdadeiro missionário dos índios , através de sua obra pastoral entre os fulniô.

Uma obra desse quilate , merece ser reestudada, discutida , redimensionada.

..

BIBLIOGRAFIA GERAL

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALTAVILLA, Jayme Lustosa de.

1985. Bibliografia de autores alagoanos. Levantamento de obras existentes na Biblioteca Pública Estadual, até 1984. Maceió; Secretaria de Cultura.

ANAIS DA 3ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA.

1959. Recife; Imprensa Universitária.

ANDRADE, Almir de.

1939. Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 2. Publicação do Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1938. 'IN: Revista do Brasil, 2(14):80-81, Rio de Janeiro, agosto.

ANTROPÓLOGO Estevão Pinto.

1969. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife. Vol. 16-17, pp. 287-288.

ANUÁRIO Estatístico.

1927. Recife, Diretoria Geral de Estatística, Secretaria da Agricultura. Imprensa Industrial I, Nery da Fonseca.

ARAÚJO, Waldenir Caldeira de Jesus Coelho de.

1985. A festa dos caboclos de Urubá - Nota etnográfica. Caderno Ômega. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Série Ciências Humanas, Recife, 1(1):55-62).

ARQUIVOS

1944. Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo. Prefeitura Municipal do Recife, 1ª e 2ª números.

AZEVEDO, Fernando de.

1955. A Antropologia e a Sociologia no Brasil. IN: As Ciências no Brasil. São Paulo: Melhoramentos. ' pp. 355-397.

_____ 1969. A Sociologia no Brasil (o ensino e as pesquisas sociológicas no Brasil). IN: Dicionário de Sociologia. Porto Alegre: Editora Globo. (6 p. s. num.)

_____ 1978. Na despedida de Roger Bastide. IN: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 20. São Paulo: Universidade de São Paulo. pp. 7-9.

AZEVEDO, Thales de.

1964. As ciências sociais na Bahia, notas para sua história. Salvador: Instituto de Ciências Sociais, Universidade da Bahia.

_____ 1978. Roger Bastide : sua contribuição à sociologia religiosa no Brasil. IN: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 20. São Paulo: Universidade de São Paulo. pp. 146-150.

_____ 1984. Primeiros mestres de antropologia nas Faculdades de Filosofia. IN: Anuário Antropológico/82. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro ; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. pp. 259-277.

_____ 1991. Nótulas a etnohistória da antropologia do Norte e Nordeste. IN: Anais II Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste. Recife: Mestrado em Antropologia UFPE; CNPq/FINEP/ABA. pp. 57-62.

BALDUS, HERBERT.

1938. Os Índigenas do Nordeste , de Estevão Pinto. IN Revista do Arquivo Municipal, Vol. XLVIII, São Paulo, pp. 217-218.

_____ 1954. Bibliografia Crítica da etnologia brasileira. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

- BARROS, Sônia Almeida de. SANTOS, Lindinalva Costa dos. Peres, Miriam Almeida.
1977-78. Bibliografia sobre o Recife. Revista do Arquivo Público, Recife, 32(33-34):106-132.
- BARROS, Souza.
1985. A década de 20 em Pernambuco. 2ª ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- BARROS, Theodyr Augusto de.
1991. O processo de mudança de capital (Alagoas-Maceió) : uma abordagem histórica. Maceió; Departamento de História/CHIA-UFAL.
- BELLIO, Ruy de Ayres.
1982. Memórias de um professor. Recife: Academia Pernambucana de Letras.
- BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho.
1982. A arqueologia no Brasil : o papel do professor Castro Faria. Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro ; Fortaleza; Edições UFC. pp.227-229.
- BIBLIOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA (Biblioteca Amadeu Amaral)
1988. Rio de Janeiro; Funarte, Instituto Nacional de Folclore.
- BIBLIOGRAFIA de Assuntos do Nordeste
1957. Recife, Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco. Série Problemas da região.
- BRANDÃO, Alfredo.
1937. A escrita pré-histórica do Brasil (Ensaio de interpretação. Com apêndice sobre a pré-história de Alagoas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BRANDÃO, Théo.
1957. Uma pesquisa sobre o Bumba. Gazeta de Alagoas, Maceió, 28 abr., Supl. lit.:5 ; Diário da Noite, Rio de Janeiro, 5 maio. Supl. lit.:2; Jornal de Alago-

as, Maceió, 12 maio, Supl. lit.: 1. Diário de Pernambuco, Recife, 12 maio.

CAMPELO DE MELO, Maria do Carmo Barreto.

1982. Discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras. Recife, 19 jan. 18 p. dat.

CAMPELO, Samuel.

1979. Cem anos de teatro em Pernambuco. IN: FREYRE, Gilberto e outros. Livro do Nordeste. Edição fac-similar. Recife: Arquivo Público Estadual. pp. 131-137.

CÂNDIDO, Antonio.

1965. Literatura e Sociedade. Estudos de teoria literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____ 1978. Roger Bastide e a literatura brasileira. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 20 São Paulo; Universidade de São Paulo. pp. 162-168

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.

1983. As 'categorias do entendimento' na formação da antropologia. Anuário Antropológico 81. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. pp. 125-146.

_____ 1985. A 'categoria da causalidade' na formação da antropologia. Anuário Antropológico 83. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC. pp. 11-52.

_____ 1985a. Tempo e tradição: interpretando a antropologia. Anuário Antropológico 84. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC. pp. 191-203.

_____ 1986. Que é isso que chamamos de antropologia brasileira. Anuário Antropológico 86. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC. pp. 227-246.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.

1988. A categoria de (Des)Ordem e a Pós-Modernidade na Antropologia. Anuário Antropológico 86. Brasília : Editora da Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 57-73.

CARDOSO, Ruth C.L.

1986. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. IN: CARDOSO, Ruth. (Org.) A aventura antropológica , teoria e pesquisa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 95-105.

CARNEIRO LEÃO, A.

1929. Organização da educação no Estado de Pernambuco. Recife, s.ed.

CAVALCANTI, Pedro.

1934. As seitas africanas do Recife. IN: Estudos Afro-brasileiros, trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife, em 1934. Fac-símile de. Rio de Janeiro : Ariel, 1935. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988. pp. 243-257.

CAVALCANTI, Zaida Maria Costa.

1986. DEC, a biografia de uma instituição cinquentenária. Recife: Secretaria da Educação do Estado de Pernambuco. Departamento de Cultura.

CERQUEIRA, Maria dos Milagres L. Sá, Aderbal B.G. de.

1982. As comunidades indígenas de Pernambuco. Clio , Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, nº 5, pp. 257-271.

CHACON, Vamireh.

1977. História das idéias sociológicas no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Editorial Grijalbo Ltda.

COLONELLI, Cristina Argenton.

1979. Bibliografia do folclore brasileiro. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.

AS COMUNIDADES INDÍGENAS DE PERNAMBUCO.

1981. Recife: Instituto de Desenvolvimento de Pernambuco, CONDEPE.

CONFERÊNCIA do prof. Estevão Pinto no Instituto de Antropologia.

1963. Correio do Povo, Natal, 5 mar.

CONFERÊNCIA do professor Estevão Pinto.

1966. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, nº 15, Recife. p. 218.

CORREA, Marisa.

1982. As ilusões da liberdade. A Escola Nina Rodrigues & a antropologia no Brasil. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. MIM.

____ 1987. História da Antropologia no Brasil (1930-1960) Testemunhos : Emílio Willems-Donald Pierson. São Paulo: Vértice ; Campinas : Ed. da Universidade de Campinas.

____ 1988. Traficantes do excêntrico. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 6, vol. 3, fev.

COSTA, Cruz.

1967. Contribuição à História das idéias no Brasil. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.

COSTA, Ivanilda Pinheiro da.

1991. A antropologia no Museu Câmara Cascudo. IN: Anais da IIª Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Recife; Mestrado em Antropologia UFPE, CNPq/FINEP, ABA.

- COSTA PORTO, José da,
1977. Os tempos de Estácio Coimbra. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária.
- CUNHA, Antonio Henriques Gonçalves.
1986. Políticas de um sociólogo culturalista. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.
- CUNHA, Manuela Carneiro da.
1987. A hora do índio. IN: Antropologia do Brasil, mito, história, etnicidade. 2ª ed. São Paulo; Editora Brasiliense. pp.159-164.
- CUNHA, Maria Iracy Vieira da.
1988. Carlos Estevão de Oliveira, um etnólogo pernambucano. Nordeste Indígena, 3ª Suer Funai. Recife, 1(1):9-12, out.
- D'ALTAVILLA, Jayme.
1914. Mosaicos-versos de Estevão Pinto. Jornal de Alagoas, Maceió, 29 mar.:1.
- DEFESA da cultura.
1950. Folha da Manhã, Recife, 11 jan.
- DELGADO, Luiz.
1966. Instalação da Faculdade de Filosofia de Pernambuco (junho de 1950). IN: Motivos Universitários, Recife: Imprensa Universitária, pp.77-93.
1985. Almas e destinos pernambucanos. Recife: Fundarp,
O DEPUTADO Augusto Novais afirmou que havia começado "A grande farra da Faculdade de Filosofia".
1950. Jornal do Commercio, Recife, 19 abr.
- DICIONÁRIO de Sociologia.
1969. Porto Alegre : Editora Globo.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel.
1981. Evolução urbana e social de Maceió no período

republicano. IN: COSTA, Craveiro. Maceió: Secretaria da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais. A primeira edição é de 1939. Texto pp. 197-219.

DIRETOR DA Faculdade de Filosofia.

1950. Folha da Manhã, Recife, 18 abr.

DUARTE, Abelardo.

1950. Radislaú Neto (1838-1894). Edição ilustrada contendo o regulamento do Museu Nacional, de 1896. Maceió; Imprensa Oficial.

DURHAM, Eunice R.

1982. Os problemas atuais da pesquisa antropológica no Brasil (Antropologia Social e Cultural). Revista de Antropologia. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Ciências Sociais. Vol. 25. pp. 159-170.

EM CONSTRUÇÃO a cidade universitária do Recife.

1954. Folha da Manhã, São Paulo, 26 ago.

EM MACEIÓ, o professor Estevão Pinto, convidado para lecionar na Sorbonne.

1952. Jornal de Alagoas, Maceió, 24 jan.: 6.

EMERENCIANO, Jordão.

1949. Estevão Pinto. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste. Revista do Arquivo Público, 4(6): 689-693. Recife, Primeiro e Segundo semestre.

ESTATUTO DO Instituto de Antropologia.

1962. Diário Oficial, Recife, 24 jul.

ESTEVÃO PINTO, emérito do CEP.

1965. Diário de Pernambuco, Recife, 5 maio.

ESTEVÃO PINTO falece e seu corpo foi levado ao cemitério por alunos.

1968. Jornal do Commercio, Recife, 12 out. Cad. 1: 12.

ESTEVAO PINTO, NECROLÓGIO.

1969. Revista Brasileira de Folclore. 9(24):171. Rio de Janeiro, maio/agosto.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife, em 1934. Fac-símile de Rio de Janeiro: Ariel, 1935; Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.

NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS. Idem, idem. Fac-símile de Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.

FACULDADE DE Filosofia do Estado de Pernambuco.

1950. Diário de Pernambuco, Recife, 11 jan.

FARAGE, Nádia.

1988. O tear de Penélope. Uma leitura de "Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade". Anuário Antropológico 86. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 247-256.

FARIA, Luiz de Castro.

1984. A antropologia no Brasil. Depoimento sem compromisso de um militante em recesso. Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC. pp. 228-250.

FERNANDES, Florestan.

1958. A etnologia e a sociologia no Brasil. Ensaios sobre aspectos da formação e desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira. São Paulo: Editora Anhembi.

1959. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

1970. A função social da guerra na sociedade tupinambá. 2ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira; Edi-

tora da Universidade de São Paulo.

FERNANDES, Florestan.

1975. A investigação etnológica no Brasil e outros ' ensaios. Petrópolis : Vozes.

_____ 1977. A sociologia no Brasil . Contribuição para o es tudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópo lis : Vozes.

FERNANDES, Gonçalves.

1937. Xangôs do Nordeste. Investigações sobre os cml-- tos negro-fetichistas do Recife. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

1938. O folclore mágico do Nordeste, usos costumes, ' crenças & ofícios mágicos das populações nordes tinas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FISCHER, Michael. M. J.

1985. Da antropologia interpretativa a antropologia ' crítica. Anuário Antropológico 83. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro; Fortaleza : Edições UFC. pp. ' 55-72.

FONSECA, Edson Neri da.

1969. Índice da Coleção Brasileira. Revista do Livro , 12(38):123-166. Rio de Janeiro; MEC/INL, 3ª trim.

FREYRE, Gilberto.

1937. Um livro para o ensino da História. Lanterna Ver de. nº 5:62-63. Rio de Janeiro, jul.

_____ 1948. Ingleses no Brasil. Aspectos da influência britâ nica sobre a vida , a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro; Livraria José Olympio Edi tora. Col. Documentos Brasileiros, Vol. 58.

_____ 1954. Um trabalho do professor Estevão Pinto. Diário ' de Pernambuco, Recife, 19 dez.

_____ 1962. Problemas brasileiros de Antropologia. 3ª ed. Rio de Janeiro; Livraria José Olympio Editora.

_____ 1963. O escravo nos anúncios de jornais brasileiros ' do século XIX. Recife: Imprensa Universitária. 2ª

ed. São Paulo : Cia Editora Nacional; Recife : Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 1979.

FREYRE, Gilberto

_____. 1968. Estevão Pinto. Cultura, 2(18):35-36. Rio de Janeiro, dez.

FREYRE, Gilberto et alli.

1970. Cana e Reforma Agrária. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 30 anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

1981. Recife: Editora Massangana. Série Documentos , nº 15.

GORENDER, Jacob.

1965. Correntes sociológicas no Brasil. IN: RAMOS, ' Guerreiro. A redução sociológica (Introdução ao estudo da razão sociológica). 2ª ed. Rio de Janeiro : Edição: Tempo Brasileiro. pp. 211-231.

GRANDEZA e decadência de uma cultura.

1966. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, Vol. 15, p. 210.

GRIZ, Jaime.

1972. Discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras. Recife, 4 abril 1972. dat. 20 p.

GUIART, Jean.

1973. Chaves da Etnologia. Tradução Márcia Bandeira' de Mello Leite. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GUSMÃO, Marilu.

1974. Arthur Ramos: O homem e a obra. Maceió; Departamento de Assuntos Culturais/SENEC.

HOMENAGEM DO COLÉGIO Estadual do Recife ao professor Estevão Pinto por ocasião de entrega solene do título de professor Emérito. Recife, 6 maio 1965. s.n.t.

HUTZLER, Celina Ribeiro.

1991. Ensaio de etnografia doméstica : a antropologia cultural na Universidade Federal de Pernambuco. Anais da II Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste. Recife; Mestrado em Antropologia UFPE, CNPq / FINEP, ABA pp.15-28.

IANNI, Octávio.

1976. Sociologia da Sociologia latino-americana. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

INOJOSA, Joaquim.

1968. 1969. O movimento modernista em Pernambuco. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Ltda. 3 vols.

INSTALAÇÃO da Faculdade de Filosofia.

1950. Folha da Tarde, Recife, 11 jan.

INSTALAÇÃO do Instituto de Antropologia.

1962. Diário de Pernambuco, Recife, 6 maio.

INSTITUTO DE Antropologia para revelar o homem do Nordeste.

1961. Jornal do Comercio, Recife, 10 dez.

INSTITUTO DE Antropologia.

1962. Diário da Noite. Recife, 26 jan.

O INSTITUTO DE Antropologia será importante para o Nordeste.

1962. Diário de Pernambuco, Recife, 28 jan.

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA..

1962. Diário da Noite, Recife, 9 maio.

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA.

1962. Jornal do Comercio, Recife, 11 maio.

INSTITUTO DE Antropologia: pesquisa sobre estereótipos nacionais e sociais.

1962. Jornal do Comercio, Recife, 27 maio.

KUPER, Adam.

1978. Antropólogos e antropologia. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

LACERDA, Luiz Cavalcanti.

1988. Exposição de motivos para o estabelecimento da disciplina "Estudos afro-brasileiros : análises sócio-culturais sobre o negro", no curso de Ciências Sociais. Revista de Ciências Sociais, 3(3):31-35, Departamento de Ciências Sociais, UFPE, Recife.

_____ 1989. Professor José Ligório Héskeith Lavareda : um perfil de antropólogo. Boletim DCS. nº 1, Recife, Departamento de Ciências Sociais UFPE. pp. 4-6.

_____ 1990. Estevão Pinto : esboço de um perfil teórico e institucional. Maceió, Encontro de Antropólogos Alagoanos. Museu Théo Brandão, UFAL. 11 p. dat.

_____ 1991. Renovação no ensino de antropologia Física : seria possível ? Anais II Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste. Recife: Mestrado em Antropologia UFPE, CNPq/FINEP, ABA. pp. 137-143.

LAPENDA, Geraldo.

1952-65. Perfil da língua yathê. Arquivos, Recife: Secretaria da Educação e Cultura, Prefeitura Municipal do Recife, Imprensa Universitária. pp. 54-72.

_____ 1968. Estrutura da língua iatê. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

LAZARTE, Rolando.

1989. La ciudadela sociológica : algunas reflexiones sobre ciência, deshumanización y transcendencia. Trabalho apresentado nas "Jornadas de Pensamento Latinoamericano". Universidad Nacional de Cuyo (Argentina). 15-18 noviembre de 1989.

LEAF, Murray J.

1981. Uma história da Antropologia. Tradução Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão e Watensir Dutra. '

Rio de Janeiro :Zahar; São Paulo :Editora da Universidade de São Paulo.

LEITE, Dante Moreira.

1983.O caráter nacional brasileiro :história de' uma ideologia. 4ª ed. São Paulo :Pioneira.

LEITE, Yonne.

1982.A lingüística no Museu Nacional : o papel de Luiz de Castro Faria. Anuário Antropológico ' 82. Rio de Janeiro :Tempo Brasileiro; Fortaleza :Edições UFC. pp.233-242.

LÉVY BRUHL, L. (ucian)

1947.Las funciones mentales en las sociedades inferiores. Buenos Aires:Lautaro.

LIMA, Laurênio.

1965.Crônica de letras pernambucanas. Recife:Imprensa Universitária.

LIMA, Roberto Kant de.

1985.A antropologia da academia : quando os índios somos nós. Petrópolis :Vozes; Niteroi :Universidade Federal Fluminense/CEUFF.

LIMA SOBRINHO, Barbosa.

1952.Fidelidade a Pernambuco e ao Nordeste. Diário' de Pernambuco, Recife, 17 dez.

_____ 1969.Sobre Estevão Pinto. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 fev.

_____ 1971.Sobre Estevão Pinto. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, pp. ' 188-189.

_____ 1984.Mauro Mota. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro , 9 dez.

_____ 1985.Prefácio - testemunho dos aspectos sócio-econômicos. IN:BARROS, Souza. A década de 20 em Pernambuco. Recife:Fundação de Cultura Cidade do Recife. pp.21-31.

LINDOSO, Dirceu.

1984. Sumé-Tomé : sobre a religiosidade dos índios brasileiros. Revista Eclesiástica Brasileira, Vol. 4, fasc. 174; 265-286. Petrópolis, junho.

_____ 1988. Literatura ou a arte de fazer geografia. IN: 'AMBROZIO, Júlio. No sereno do mundo. Petrópolis; Editora Pirilampo. pp. 5-7.

LOURENÇO FILHO, um educador brasileiro. Livro jubilar organizado pela Associação Brasileira de Educação. São Paulo : Edições Melhoramentos (1958).

MAIOR INCENTIVO aos estudos afro-brasileiros.

1954. Diário de Pernambuco, Recife, 9 set.

MARTINS, Henrique.

1931. Lista geral dos bacharéis e doutores que tem obtido o respectivo grau na Faculdade de Direito do Recife, desde sua fundação em Olin-da, no ano de 1828, até o ano de 1931. 2ª ed., Recife: Tipografia do Diário da Manhã.

MATOS, Aníbal.

1938. Prehistória brasileira. São Paulo; Cia Editora Editora Nacional, Col. Brasiliana, vol. 137.

MATOS, Potyguar.

1986. Barbosa Lima Sobrinho, cavaleiro sem medo e sem mancha. IN: Gente pernambucana. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Recife: Fundarpe. pp. 31-36.

_____ 1991. Discurso de posse de Potyguar Matos na Academia Pernambucana de Letras. Recife: Fundação ' de Cultura Cidade do Recife.

MAUÉS, Raimundo Herald.

1976(?) Os estudos sobre o índio brasileiro desde a segunda metade do século XIX, até a primeira metade do século XX. Trabalho apresentado à disciplina História da Antropologia II, do Mestrado em Antropologia, da Universidade de Brasília. dat., 57 p.

MAUSS, Marcel.

1979. Mentalidade primitiva e participação. IN: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (Org.) Marcel Mauss, antropologia. São Paulo: Ática. Col. Grandes Cientistas Sociais, 11. pp. 159-163.

Igual texto IN: MAUSS, Marcel. 1981. Ensaio de sociologia. Tradução Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva. pp. 377-381.

MELATTI, Júlio César.

1984. A antropologia do Brasil : um roteiro. Boletim informativo de Ciências Sociais. nº 17. pp. 3 - 52. Rio de Janeiro.

MELO, Milton.

1977-78. Flor nos trilhos. Registros M.M. Revista Arquivo Público, Recife, 31-32(33-34). p. 144.

MENEZES, José Rafael de.

1982. Humanismo nordestino. Recife: Centro de Prestação de Serviços Técnicos de Pernambuco.

MERCIER, Paul.

1974. História da Antropologia. Tradução Cláudia Menezes. Rio de Janeiro : Livraria Eldorado Tijuca.

MÉTRAUX, Alfred.

1979. A religião dos tupinambás e suas relações com as das demais tribos tupí-guarani. Tradução e Prefácio de Estevão Pinto. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Col. Brasiliana, Vol. 267.

MICELI, Sérgio.

1989. Condicionantes do desenvolvimento das ciências Sociais. IN: MICELI, Sérgio (Org.) História das Ciências Sociais no Brasil. Vol. I. São Paulo : Vértice; Editora Revista dos Tribunais , IDESP. pp. 72-110.

MISSA DE 7ª dia na Matriz da Piedade, dia 17.

1968. Jornal do Comercio, Recife, 16 out. Cad. 2:9.

MONTEIRO, Douglas Teixeira.

1978. Depoimento. IN: Revista do Instituto de Estudos dos Brasileiros, nº 20, São Paulo; Universidade de São Paulo. pp. 171-175.

MONTEIRO, Francisco Xavier P.

1952. Barbosa Lima Sobrinho. Diário de Pernambuco, Recife, 17 dez.

MORAIS, Rubens Borba de. BERRIEN, Williams.

1949. Manual Bibliográfico de estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Gráfica Souza.

MOTA, Carlos Guilherme.

1977. Ideologia da cultura brasileira : pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática.

____ 1978. Lucien Febvre. História. São Paulo : Ática. Col. 'Grandes Cientistas Sociais, 2.

MOTA, Mauro.

1967a. Marília da janela verde. IN: Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, 25 jan.

____ 1967b. Um bacharel no trem. IN: Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, 28 jan.

____ 1968. A Marília da janela verde. IN: VOTOS E Ex-votos. aspectos da vida social do Nordeste. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária. pp. 127-135.

____ 1969. Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, 14 jun.

____ 1970. Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, 31 jan.

____ 1972. Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, 11 jun.

____ 1979. O ginásio e seu memorialista. Prefácio a MONTE NEGRO, Olívio. Memórias do Ginásio Pernambucano. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco.

____ S.D. A educação dos bem dotados. IN: Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, recorte s.d.

____ S.D. Etnologia Brasileira. IN: Agenda. Diário de Pernambuco, Recife, recorte s.d.

MOTTA, Roberto.

1976. Carneiro, Ruth Landes e os candomblés bantus. 'Revista do Arquivo Público, 30(32):58-68, Recife, dez.

_____ 1977. Livro escolar e trópico. IN: Trópico & ... trabalhos apresentados e debates travados no decorrer do ano de 1970, no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a direção de Gilberto Freyre. Recife, Editora 'Universitária UFPE. pp.138-147.

_____ 1977-78. De Nina Rodrigues a Gilberto Freyre. Estudos afro brasileiros -1896-1934. Revista do Arquivo Público, 31-32(33-34):3-15.

_____ 1978. Prefácio a RIBEIRO, René. Cultos afro-brasileiros : um estudo de ajustamento social. 2ª ed. Recife:MEC/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. pp.VII-XXI.

_____ 1985a. Enigma da antropologia. Anuário Antropológico 83. Rio de Janeiro :Tempo Brasileiro ; Fortaleza :Edições UFC. pp.306-309.

_____ 1985b. Apresentação IN:MAFFESOLI, Michel. A sombra de Dionísio, contribuição a uma sociologia da orgã. Tradução Aluísio Ramos Trinta. Rio de Janeiro :Edições Graal. pp.9-12.

_____ 1988. Apresentação a MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum, compêndio de sociologia compreensiva. Tradução Aluísio Ramos Trinta. São Paulo :Editora Brasiliense. pp.9-13.

NA SCIMENTO, Braulio do. (Org.)

1971. Bibliografia do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

NA SCIMENTO, Luiz do.

1966. História da Imprensa de Pernambuco. Vol. 2. Diários do Recife(1829-1900). Recife: Imprensa Uni

Universitária, UFPE.

1968. História da Imprensa de Pernambuco. Vol. I - Diários de Pernambuco. 2ª ed. Recife: Imprensa Universitária, UFPE.

1969. História da Imprensa de Pernambuco. Vol. IV - Periódicos do Recife (1821-1850). Recife: Imprensa Universitária, UFPE.

NEVES, Fernanda Ivo.

1986. Fontes para o estudo da história do Nordeste. Recife: Fundarpe.

NOGUEIRA, Oracy.

1978. Evocação de Roger Bastide. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 20. São Paulo: Universidade de São Paulo. pp. 141-145.

1979-81. A sociologia no Brasil. IN: FERRI, Guimarães. Shozo, Motayama (Coord.) História das ciências no Brasil. Vol. III. São Paulo: Epu, Editora da Universidade de São Paulo. pp. 181-234.

NOMEADO ESTEVÃO Pinto, Diretor da Faculdade de Filosofia.

1955. Diário de Pernambuco, Recife, 8 mar.

NO RIO, O PROFESSOR Estevão Pinto.

1952. Jornal do Comercio, Recife, 16 out.

NOVO DIRETOR da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife.

1956. Diário de Pernambuco, Recife, 25 ago.

NUTELS, Noel.

1974. Noel por Noel. IN: HOUAISS, Antonio (Org.) Noel Nutels: memórias e depoimentos. Rio de Janeiro: J. Olympio. pp. 3-21.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de.

1938. O ossuário da gruta-do-padre, em Itaparica, e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste. Boletim do Museu Nacional. Vol. XIV-XVII, Rio de Janeiro, 1938-1941. Revista do Instituto Arqueo-

lógico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Vol. ' 38:147-175, Recife, 1943.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de.

1987. Os atalhos da magia : reflexões sobre o relato ' dos naturalistas viajantes na etnografia indígena. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, 3(2):155-188, Belém.

OLIVEIRA, Roberto CARDOSO DE. ver CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.

ORTIZ, Renato.

1990. Notas sobre as ciências sociais no Brasil. Novos ' Estudos CEBRAP, nº 27. São Paulo, jul. pp.163-175.

PAIM, Antonio.

1967. História das idéias filosóficas no Brasil. São Paulo: Ed. Grijalbo.

1977. A corrente culturalista. Convívium, Vol. 20, 17(3): ' 215-239, São Paulo, maio/jun.

PANDOLFI, Dulce Chaves.

1984. Pernambuco de Agamenon Magalhães; consolidação e crise de uma elite política. Recife; Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

PANOFF, Michel. PERRIN, Michel.

1979. Dicionário de Etnologia. Tradução Carlos Veiga Ferreira. Lisboa: Edições 70.

PARAHYM, Orlando.

1969. Estevão Pinto. Diário de Pernambuco, Recife, 14 jun.

PEIRANO, Mariza G.S.

1984. A antropologia esquecida de Florestan Fernandes : os Tupinambá. Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro; Fortaleza : Edições UFC. ' pp.15-49.

_____ 1986. O encontro etnográfico e o diálogo teórico. Anuário Antropológico 85. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro ; Fortaleza : Edições UFC. pp.249-264.

1991a. The anthropology of anthropology : the Brazilian case. Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas.

1991b. Os antropólogos e suas linhagens. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 6(16):43-50, Rio de Janeiro, jul.

PEREGRINO, Graziela.

1977. Livro escolar e trópico. IN: Trópico &... trabalhos apresentados e debates travados no decorrer do ano de 1970, no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a direção de Gilberto Freyre. Recife: Editora Universitária UFPE. pp.155-160.

PEREIRA, França.

1979. Um século de vida literária em Pernambuco. IN: FREYRE, Gilberto & outros. O Livro do Nordeste , comemorativo ao 1º centenário do Diário de Pernambuco. 2ª ed. Recife: Arquivo Público Estadual. pp.106-111. (A primeira edição é datada de 1925).

PEREIRA, Nilo.

1952. Discurso de saudação (a Estevão Pinto), na Academia Pernambucana de Letras; dat. 9 p.

_____ 1965. Notas avulsas. Jornal do Commercio, Recife, 12º maio.

Trata-se de homenagem prestada a Estevão Pinto , como Professor Emérito do Colégio Estadual de Pernambuco.

_____ 1966. Notas avulsas. Jornal do Commercio, Recife, 18º jun.

_____ 1978. Consciência cultural do Nordeste. Cultura 8(30):42-48, Brasília, jul/dez.

_____ 1987. Mauro Mota e seu tempo. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura.

1978. Uma nova interpretação do Brasil : a contribuição de Roger Bastide à sociologia brasileira. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 20, São Paulo: Universidade de São Paulo. pp. 101-121.

_____. 1980. Cientistas sociais e auto-conhecimento da cultura brasileira através do tempo. Cadernos CERU, nº 13, 1ª série, São Paulo, set.

PERNAMBUCANO, Ulisses.

1934. As doenças mentais entre os negros de Pernambuco. IN: Estudos Afro-Brasileiros, trabalhos apresentados ao 1º Congresso afro-brasileiro, Recife 1934. 2ª ed. Recife: FUNDAJ/Editora Massangana, 1988, pp. 93-98.

PERRUCCI, Gadiel.

1986. Um projeto oligárquico-liberal de universidade (Notas para uma história da UFPE). Cadernos de Estudos Sociais, Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. Vol. 20, nº 2. pp. 505-520, Recife, jul/dez.

PINTO, L.A. Costa. CARNEIRO, Edison.

1955. As ciências sociais no Brasil. Rio de Janeiro: CAPES.

PINTO, Estevão.

1922. Pernambuco no século XIX. Recife: Imprensa Industrial I. Nery da Fonseca.

_____. 1932a. A escola e a formação da mentalidade popular do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo.

_____. 1932b. Notas de folclore. A propósito de Macobeba. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Vol. XXXII, nº 151-154: 303-307.

PINTO, Estevão

1933. O problema da educação dos bem dotados. São Paulo; Comp. Melhoramentos de São Paulo.
- _____ 1935. Os Indígenas do Nordeste. Tomo I. São Paulo; Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, Vol. 44. Ed. Ilustr.
- _____ 1938. Os Indígenas do Nordeste. Organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro. Tomo II. São Paulo; Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, Vol. 112. Ed. Ilustr.
- _____ 1940. A Associação Comercial de Pernambuco. Livro Comemorativo do seu primeiro centenário (1839-1939). Recife; Oficinas Gráficas do Jornal do Commercio. 2ª ed. Fac-similar. Recife; Associação Comercial de Pernambuco, 1987.
- _____ 1944. Prefácio e tradução a THEVET, André. Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América. São Paulo; Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, Vol. 229. Ed. Ilustr. Prefácio pp. 7-30.
- _____ 1949. História de uma estrada-de-ferro do Nordeste (Contribuição para o estudo da formação e desenvolvimento da empresa The Great Western of Brazil Railway Company Limited e das suas relações com a economia do Nordeste brasileiro) Rio de Janeiro; Livraria José Olympio Editora. Col. Documentos Brasileiros, Vol. 61.
- _____ 1950. Prefácio e tradução a MÉTRAUX, Alfred. A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaraní. São Paulo; Cia. Editora Nacional. Coleção Brasileira, Vol. 267. 2ª ed. 1979. São Paulo; Cia. Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo.

PINTO, Estevão.

1950-51. Prefácio a MÉTRAUX, Alfred. Os heróis gêmeos na mitologia sul-americana. Boletim da Faculdade de Filosofia de Pernambuco. 2(5):60 - 70, Recife, dez. 1950 a maio 1951. Prefácio pp. 60-62.

_____ 1951. Um 'Bacharel de batina' e um moralista. Jornal do Commercio, Recife, 25 nov.

_____ 1953a. As máscaras-de-dança dos Pancararu. Recife : Faculdade de Filosofia de Pernambuco.

_____ 1953b. História Geral. Segunda série, Curso Colegial São Paulo; Editora do Brasil. Coleção Didática do Brasil, Vol. 8.

_____ 1954. Em construção a cidade universitária do Recife. Folha da Manhã, São Paulo, 26 ago.

_____ 1956. Etnologia Brasileira - fulniô - os últimos tapuias. São Paulo: Cia Editora Nacional, Coleção Brasileira, Vol. 285.

_____ 1958. Muxarabis & Balcões e outros ensaios. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Coleção Brasileira, Vol. 303.

_____ 1963. Problemas e tropeços da antropologia moderna. IN: Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Nº 12. pp. 77-82.

_____ 1964. Introdução à História da Antropologia. Recife; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Série I, Antropologia Histórica. Obra publicada em 5 boletins: Boletim 1-1964, 64 p.; Boletim 2, 1965, 45 p.; Boletim 3-1966, 21 p.; Boletim 4-1966, 38 p.; Boletim 5, 1967, 78 p. Edições ilustradas.

_____ 1964a. Atualidades do Maltusianismo. Jornal do Commercio, Recife, 2 fev.

PINTO, Estevão.

1964b. Nada de novo sob o sol. IN: Revista da Academia Pernambucana de Letras, nº 12, 2ª semestre, Recife. pp. 93-96.

1964c. História Antiga, para o curso colegial. São Paulo: Editora do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, série colegial.

1964d. História Medieval, para o curso colegial. São Paulo: Editora do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, série colegial.

1965a. História Moderna, para o curso colegial. São Paulo: Editora do Brasil S/A. Coleção Didática do Brasil, série colegial.

1965b. (?) História Contemporânea, para o curso colegial. São Paulo: Editora do Brasil S/A. Coleção didática do Brasil, série colegial.

1965c. Grandeza e decadência de uma cultura. Recife: Imprensa Universitária.

POIRIER, Jean.

1981. História da etnologia. Tradução Ivone Toledo. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo.

PONTES, Heloísa.

1989. Retratos do Brasil: editores, editoras e "Coleções Brasileira" nas décadas de 30, 40 e 50. IN: MICELI, Sérgio. (Org.) História das Ciências Sociais do Brasil. Vol. I. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais/IDESP.

POSSE NA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE Letras

1952. Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov.

POSSE DE ESTEVÃO Pinto como Diretor da Faculdade de Filosofia.

1952. Diário de Pernambuco, Recife, 8 jan.

PRADO, J. F. de Almeida.

1959. Muxarabis & Balcões. Correio Paulistano, São Paulo, 3 maio.

O PROBLEMA DO LIVRO Didático de História. O curso secundário.

1960. Revista de História. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, 11(43):286-287, São Paulo, jul./set.

O PROFESSOR ESTEVÃO Pinto na Sorbonne.

1952. Jornal Pequeno, Recife, 23 jan.

QUARTA-FEIRA PRÓXIMA, a posse do professor Estevão Pinto na Academia Pernambucana de Letras.

1951. Diário de Pernambuco, Recife 11 nov.

QUINTAS, Amaro.

1952. Um antropologista brasileiro. Diário de Pernambuco, Recife, 28 maio.

RABELLO, Sylvio.

1944. Reabilitação do cronista André Thevet. Diário de Pernambuco, Recife, 17 set.

1950. As faculdades de Filosofia e a atual reforma de ensino. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 14 fev.

1965. Caminhos da Província. Recife, Imprensa Universitária.

1979. Tempo ao tempo : memórias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL.

RAMALHO, Manoel M.

1978. Os Irmãos Maristas em Maceió (1905-1917). Edição do autor.

RAMOS, Alcida Rita.

1977. O mundo unificado dos Apinayé ou o mundo dividido dos antropólogos. Anuário Antropológico 76. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro; Fortaleza : Edições UFC. pp. 263-281.

RAMOS, Alcida Rita.

1984. Castro Faria e a vocação etnológica. Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro :Tempo Brasileiro; Fortaleza:Edições UFC. pp.230-232.

1984a. O Brasil no movimento indígena americano. Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro :Tempo Brasileiro; Fortaleza:Edições UFC. pp.281-286.

1985. Cor local e compreensão na antropologia de Clifford Geertz. Anuário Antropológico 83. Rio de Janeiro :Tempo Brasileiro ; Fortaleza:Edições UFC. pp.301-305.

RAMOS, Arthur.

1932a. Os horizontes míticos do negro na Bahia. Arquivos do Instituto Nina Rodrigues, 1(1):47-95, abr.

1932b. Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia. BAHIA Médica, 3(15):191-95, Salvador, jul.

1934. O negro brasileiro :etnografia religiosa e psicanálise. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira.

1935a. O folclore negro do Brasil:demopsicologia e psicanálise. Rio de Janeiro;Civilização Brasileira.

1935b. Os mitos de xangô e sua degradação no Brasil. IN:Congresso Afro-brasileiro, 1, Recife, 1934. Estudos afro-brasileiros, Rio de Janeiro:Ariel. pp.49-54.

REELEITO DIRETOR da Faculdade de Filosofia- Estevão Pinto.

1954. Diário de Pernambuco, Recife, 10 dez.

REGIÃO, formação social e desenvolvimento -suas interrelações : o caso nordestino. Recife:IJNPS/Conselho Federal de Cultura, 1974.

- REGIMENTO INTERNO da Faculdade de Filosofia.
1950. Diário Oficial, Recife, 11 jan.:1.
- RENÉ RIBEIRO : Professor Emérito. Recife; Fundaj, Ed. Massangana, 1990.
- REVENDO A TERRA NATAL. O professor Estevão Pinto, vindo ' do Recife, concede interessante entrevista à Gazeta de Alagoas. Gazeta de Alagoas, Maceió, ' 16 dez. 1938:1.
- INDICE ANOTADO da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Vol. XLIV , Recife, 1954-1959, pp. 457-458.
- RIBEIRO, Darcy.
1990. Testemunho. São Paulo: Edições Siciliano.
- RIBEIRO, René.
1937. Alguns resultados de estudo de 100 médiuns . IN: Estudos Pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano. pp. 78-84.
- _____ 1946. Grupos étnicos , áreas naturais e mobilidade ' das populações de Pernambuco. Neurobiologia , Tomo IX , nº 1, mar. pp. 3-21.
- _____ 1947. The afro-brazilian cult-groups of Recife - a study in social adjustment. These Northwest University, Illinois.
- _____ 1983-84. Tempo de experiência. Revista de Ciências Sociais, Vol. 14/15, nº 1/2, Fortaleza : 83-100.
- RICARDO CAVALCANTE prefere servir ao Instituto de Antropologia.
1962. Jornal do Commercio, Recife, 3 jun.
- ROCHA, José Maria Tenório.
1988. Théo Brandão, mestre do Folclore brasileiro. ' Maceió: EDUFAL.
- 1990a. Tudo começou em trinta : confronto acerca ' dos estudos sobre índios e negros no Nordeste na década de trinta. Recife, Mestrado em Antropologia, dat.

ROCHA, José Maria Tenório.

1990b. Estevão Pinto, antropólogo e historiador. Trabalho apresentado ao Mestrado em Antropologia' UFPE, dat.

_____ 1990c. Para uma bibliografia sobre os índios de Alagoas. Recife, Mestrado em Antropologia UFPE. dat.

_____ 1991. Alagoas : a cultura que surgiu das águas. Anais da II Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Recife: Mestrado em Antropologia UFPE, CNPq, FINEP, ABA. pp. 147-158.

ROTEIRO DE ESTEVÃO Pinto.

1952. Diário de Pernambuco, Recife, 24 fev.

SALDANHA, Nelson.

1967-68. O regionalismo em ciência social : o caso ' do Nordeste. Separata do Boletim do Instituto ' Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, nº 16 e 17, Recife, 1969.

_____ 1968. História das idéias políticas no Brasil. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária.

_____ 1981. A tradição humanística, ensaios sobre filosofia social e teoria da cultura. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária.

_____ 1983. A sociologia no Brasil IN: Humanismo e história : problemas de teoria da cultura. Rio de Janeiro : José Olympio ; Recife : Fundarpe. pp. 108-115.

_____ s.d. Alguns livros recentes. recorte de artigo de jornal s.d.

SALLAS, Ana Luiza Fayet.

1985. O uso do tempo no discurso antropológico. Anuário Antropológico 83. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro; Fortaleza : Edições UFC. pp. 283-291.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de.

1989. Bibliografia sobre o negro. Maceió; Secretaria de Comunicação Social.

SANT'ANA, Vanya M.

1978. Ciência e sociedade no Brasil. São Paulo: Edições Símbolo.

SANTOS, Vanderley Guilherme dos.

1978. Paradigma e História : a ordem burguesa na imaginação social brasileira. IN: Ordem burguesa e liberalismo político. São Paulo: Duas Cidades. pp. 17-63.

SCHADEN, Egon.

1965. A culturação indígena. Ensaio sobre fatores e tendências de mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos. São Paulo: Revista de Antropologia, Vol. 13. Separata.

_____ & PEREIRA, João Batista Borges.

1967. Exploração antropológica IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org.) História Geral da Civilização Brasileira, O Brasil Monárquico. Tomo II, 3ª Vol. Reações e Transições. São Paulo : Difusão Européia do Livro.

_____ 1972. Homem , cultura e sociedade no Brasil. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

_____ 1979-80. A etnologia no Brasil. IN: FERRI, Mário Guimarães. MOTAYANA, Shozo (Org.) História das Ciências no Brasil. Vol. II. São Paulo : EPU, Editora da Universidade de São Paulo.

_____ 1984. Os primeiros tempos da antropologia em São Paulo. Anuário Antropológico 82. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro ; Fortaleza : Edições UFC. pp. 251-258.

SCHWARTZMAN, Simon.

1979. Formação da comunidade científica no Brasil. ' São Paulo : Cia. Editora Nacional ; Rio de Janeiro : FINEP.

1991. As ciências sociais nos anos 90. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 6(16):51-60, Rio de Janeiro, jul.

SEEGER, Anthony. CASTRO, Eduardo Viveiros de.

1977. Pontos de vista sobre indígenas brasileiros : um ensaio bibliográfico. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, nº 2 : 11-35.

SEVCENKO, Nicolau.

1989. Literatura como missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

SEPULTADO ONTEM à tarde o antropólogo Estevão Pinto.

1968. Diário de Pernambuco, Recife, 12 out. Cad. 1:7.

SILVA, Benedito. (Coord).

Dicionário de ciências sociais. 2ª ed. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck.

1967. O que se deve ler para conhecer o Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SOUZA, Gilda de Mello e.

1978. A estética pobre de Roger Bastide. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 20. São Paulo: Universidade de São Paulo. pp. 151-162.

SUÁREZ, Mireya.

1988. Ensaios de divulgação. Anuário Antropológico 86 Brasília : Editora da Universidade de Brasília; Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro. pp. 257-259.

XXXI CONGRESSO de Americanistas.

1954. Diário de Pernambuco, 2 set.

O TUPI NAS Faculdades de Filosofia.

1955.Diário de Pernambuco, Recife, 20 fev.

OS ÚLTIMOS TAPUIAS, EX-CANIBAIS, são católicos.

1956.Visão, São Paulo, 8 jun.

UM CONVITE HONROSO.

1952.Jornal de Alagoas, Maceió, 25 jan.:6.

VALENTE, Waldemar.

1952.A função mágica dos tambores.Revista do Arquivo Público.7-10 (9-12):81-8, Recife, 1952-1956.

1953.Muxarabis e Balcões.Diário de Pernambuco, Recife, 30 ago.

1954a.Marcas muçulmanas nos xangôs de Pernambuco .
Recife:Faculdade de Filosofia Federal.

1954b.A faculdade de Filosofia.Diário de Pernambuco, Recife, 2 jul.

1954c.Congresso de Americanistas.Diário de Pernambuco, Recife, 17 ago.

1954d.A Faculdade de Filosofia.Diário da Noite. Recife, 15 set.

1955a.Influências islâmicas nos grupos de cultos afro-brasileiros de Pernambuco.Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais nº 4:7-32, Recife.

1955b.Sincretismo religioso afro-brasileiro. São Paulo:Cia. Editora Nacional. Coleção Brasileira Vol.280.

1955c.Estórias e lendas indígenas.Diário de Pernambuco, Recife, 11 jan.

1955d.Publicações da Faculdade de Filosofia.Diário de Pernambuco, Recife, 15 maio.

1955e.Remanescentes indígenas.Diário de Pernambuco, Recife, 15 jun.

1966.Grandeza e decadência de uma cultura.Diário de Pernambuco, Recife, 6 fev. e Boletim do Ins-

tituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais ,
Vol.15,Recife:210.

VALENTE,Waldemar.

1967.Roteiro da Escola Normal.Recife,28 p.mim.

_____1969.Estevão Pinto.Palestra realizada no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais,em 22 de maio.dat. s,p.num.(24 p).

_____1976.Sincretismo religioso afro-brasileiro.2ª ed.São Paulo:Cia.Editora Nacional;Brasília:INL.Coleção Brasileira,Vol.280.

_____1979.O padre Carapuceiro. Recife:Departamento de Cultura da SEEC.

_____1984.Presença de Sylvio Rabello.Ciência & Trópico.12(1) :107-121.Recife,jan./jun.

_____S.D. Terra e gente.Eterno estudante.Recorte sem data. Discorre a respeito de vida e obra de Estevão Pinto.

VELHO,Otávio Guilherme.

1979.A universidade e a antropologia no Brasil,hoje.Encontros com a civilização brasileira, nº 17,Rio de Janeiro,pp.169-179.

VOTO DE CONGRATULAÇÕES ao professor Estevão Pinto.

1955.Diário de Pernambuco,Recife , 20 out.

WEBER,Ângela Távora.

1987.Moser : um artista alemão no Nordeste.Recife:Pool' Editorial.

.....

ENTREVISTAS REALIZADAS

- AÉCIO de Oliveira, museólogo. Recife, julho 1992.
- ANNE Elizabeth Huttchinson Pinto. Neta de Estevão Pinto. Recife
15 outubro 1991.
- BEATRIZ Góis Dantas. Antropóloga, Maceió, junho 1992.
- BRUNO César Cavalcanti, Antropólogo, Maceió, várias datas.
- CELINA RIBEIRO HUTZLER, antropóloga, Recife, várias datas.
- FRANCISCO José Alves dos Santos, Antropólogo, Aracaju, em vári
as cartas.
- GRAZIELA Peregrino, Educadora FUNDAJ, Recife 10 out. 1991.
- HELOÍSA Pinto Huttchinson, filha de Estevão Pinto, Recife, 15 ou-
tubro 1991.
- LÚCIA Gaspar, Diretora Biblioteca Blanche Knopf, FUNDAJ. Várias
datas.
- LUIZ CAVALCANTI Iacerda, Antropólogo, Recife DCS-UFPE. Várias da-
tas.
- MELQUISEDEC Pastor do Nascimento, Sebista, Recife, várias datas.
- MOACIR MEDEIROS DE SANT'ANA, Historiador, Maceió, várias datas.
- NÁDIA Fernanda de Amorim, Antropóloga, Maceió, várias datas.
- NALTAMIR Noronha, Conselho Estadual de Educação, Recife, 12 set.
1991.
- ORLEY MESQUITA, Funcionário público estadual. Recife, julho 1992.
- POTYGUAR MATOS, historiador. Recife 12 agosto 1991.
- ROBERTO MAURO CORTEZ MOTTA, Antropólogo, Recife, várias datas.
- WALDEMAR VALENTE, Antropólogo, Recife, 11 novembro 1991.
- WÉRTHER BRANDÃO, historiador, Maceió, várias datas.

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS CONSULTADOSa) BIBLIOTECAS

- Academia Pernambucana de Letras, Recife ;
- Arquivo Público Estadual, Recife;
- Blanche Knopf, Fundação Joaquim Nabuco, Recife;
- Central, da Universidade Federal de Pernambuco, Recife;
- dos MESTRADOS, da Universidade Federal de Pernambuco, Recife;
- Faculdade de Direito do Recife, Recife;
- Faculdade de Filosofia do Recife , Recife;
- Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife;
- Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas , Maceió;
- Museu do Estado de Pernambuco, Recife;
- Pública do Estado de Alagoas, Maceió;
- Pública do Estado de Pernambuco, Recife.

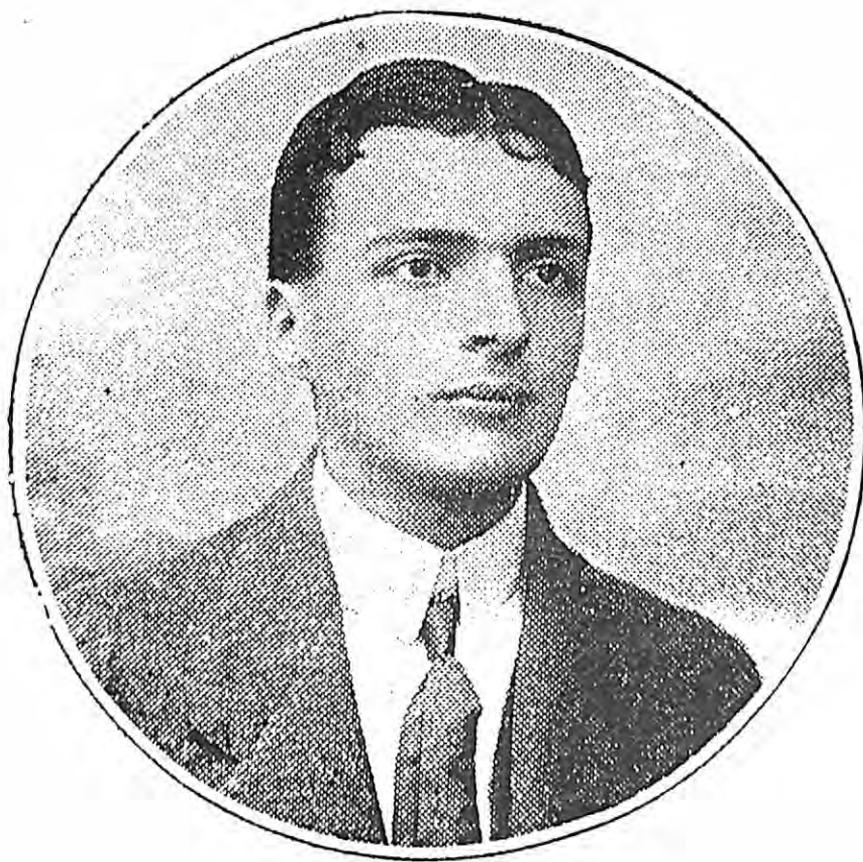
b) ARQUIVOS (DO/DA)

- Academia Pernambucana de Letras, Recife;
- Arquivo Público de Alagoas;
- Conselho Estadual de Educação de Pernambuco, Recife;
- Departamento de Pessoal, Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco, Recife;
- Faculdade de Direito do Recife, Recife;
- Fundação Joaquim Nabuco, Recife;
- Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Maceió.
- Núcleo de Estudos Indigenistas-UFPE. (N.E.I.).

ANEXOS

1.

DOCUMENTÁRIO FOTOGRÁFICO

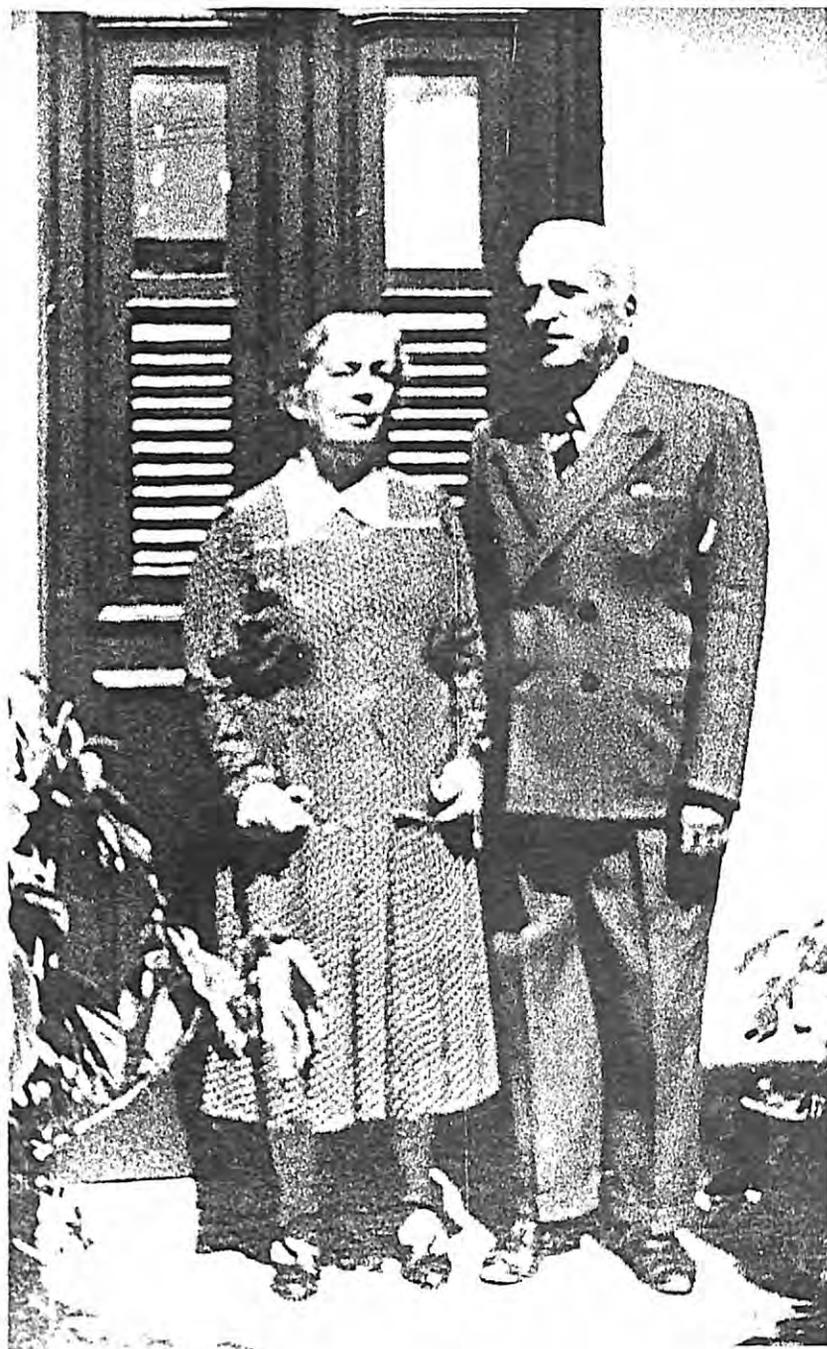


ESTEVÃO PINTO

Estevão Pinto aos dezoito anos de idade,
em Maceió.



Foto para o Álbum de Família. Os pais de Estevão estão no centro, ladeando uma garota.



Os genitores de Estevão :Sr.Júlio Lópes
e D.Emília de Menezes.



O Despachante Federal Júlio Lópes Ferreira Pinto,
pai de Estevão, em idade avançada.



O Etnólogo com cinquenta anos de idade.



Estevão e sua esposa D.Cândida , no
Rio de Janeiro.



Heloisa e Jarina, as filhas do casal
Estevão / Cândida.



Estevão Pinto ,pronunciando uma das
inúmeras conferências.

ANEXO

As incompreensões de Estevão Pinto pelo trabalho de
Robert H. Lowie

THE PANCARARÚ (1)

BY ROBERT H. LOWIE

The *Pancararú* (*Pankarú*, *Pancarú*) is an eastern Brazilian tribe sometimes classed as of the *Cariri* family, but at the present stage of knowledge it should be regarded as isolated. They have been found in recent years near the Paulo Afonso Falls on the north bank of the São Francisco River, at Brejo dos Padres, lat. 9°4' S., long. 38°19' W. Their culture, though imperfectly known, has maintained many interesting features, Carlos Estevão (1938) having witnessed the Yurema rite during the late 1930's.

According to Estevão, the intoxicant prepared from the yurema roots is tasted first by the chief. Only priests, warriors, and old women singers may attend; they kneel with bowed heads, then receive their portions, which induce fine dreams. The ceremony was formerly performed also by the *Cariri*, *Guegué*, *Acroó*, and *Pimenteira*—especially before going to war (Pereira de Alencastre, 1857, p. 31). Carlos Estevão witnessed it in recent years among the isolated *Tushá* somewhat above the *Pancararú*, at Rodellas, on the south bank of the São Francisco River.

Estevão records a series of dances named for animals and plants (fish, bee, great anteater, parrot, and *Spondias tuberosa*). When the fruit of the *Spondias tuberosa* (imbú) appears, it is hung up between two forked sticks, to be shot at by archers; the victor gets as a prize a big liana, which is used in a tug of war. Further, there is a formal initiation into an esoteric society: the novices, about 12 years old, have to bring water, fire, and tobacco, and are pledged to secrecy on pain of being made to sleep on a bed of nettles.

Estevão photographed masqueraders carrying gourd rattles, staffs, and reed pipes. Their costume consists of a fiber headpiece and skirt, strips of cloth in the back, and feather ornamentation.

In one ritual there is mutual flagellation of men and women.

Noteworthy is the predominance of the coiling technique in basketry.

BIBLIOGRAPHY

Alencastre, 1857; Estevão, 1938.

583486—46—86

561

(1) Handbook of South American Indians. Washington, 1946.
Vol. I, pp. 561-591.

THE TEREMEMBÉ

By ALFRED MÉTRAUX

HISTORY

The Teremembé (*Tremembé, Tremembaiz, Taramembés, Teremembis*) have been erroneously classified in the *Tupí-Guaraní* linguistic family by Martius (1867, p. 197). Their language is unknown, but certainly differed from *Tupí*. Judging from the few data on their culture, they seemed to have belonged to the primitive tribes which occupied the Brazilian coast before the *Tupí* migrations. (Lat. 4° S., long. 40° W.)

In the 17th century, the *Teremembé* lived on the seashore from the mouth of the Gurupy River or of the Tury River in the east to the mouth of the Parahyba River. Claude d'Abbeville (1614, fol. 189) gives the Jaguaribe or Mossoró River as their western limit. In the State of Ceará they seemed to have lived mainly along the Acaraí River and in the Serra Grande. They were bitter enemies of the *Tupinamba*, whom they attacked whenever they could ambush them. In 1674, because *Teremembé* had killed shipwrecked Portuguese sailors, the colonists led a bloody punitive expedition against them (Betendorf, 1910, pp. 316-322). At the end of the 17th century the remnants of the tribe were settled by the Jesuits in missions. At the beginning of the 19th century the *Teremembé* were almost extinct. A few of them, mixed with the local population, lived in Nossa Senhora de Conceição d'Almofalla and in Villa de Sobral.

CULTURE

The *Teremembé* were nomad hunters and fishermen. They wandered in small groups along the coast carrying their bows and arrows, axes, gourds, and pots. They had spears tipped with shark teeth.

Like the *Camella*, they used crescentic stone axes, the famous "anchor axes" which have been found archeologically along the Brazilian coast. They employed these as battle-axes, but whenever they had killed an enemy with one they left it on the corpse. Yves d'Evreux (1864, pp. 141-142) gives some interesting data on the cere-

573

574

SOUTH AMERICAN INDIANS

[B. A. E. BULL. 143

monial manufacture of these axes. At the first appearance of the crescent moon, the *Teremembé* spent a whole night shaping these axes, not stopping until they were perfect, because they believed that if they carried them to war, they could never be defeated. While men made these axes, the women and girls stayed outside the huts singing and dancing, their faces turned toward the crescent moon.

BIBLIOGRAPHY

Betendorf, 1910; Claude d'Abbeville, 1614; Martius, 1867; Pinto, 1935; Studart, 1931; Yves d'Evreux, 1864.

I N D I C E

INTRODUÇÃOi-xviii.

Capítulo I

O HOMEM

- 1.1 - Trajetória intelectual..... 1.
1.2 - De rumores e apropriações indébitas, a
"polêmica" Estevão Pinto x Carlos Estevão..... 77.
1.3 - A interdisciplinaridade como forma de
cooperação: a obra de Geraldo Lapenda..... 85.
1.4 - Linguística Iatê: os descaminhos de uma
pesquisa..... 90.

Capítulo II

A OBRA

- 2.1 - Estevão Pinto, pesquisador de gabinete?..... 99.
2.2 - Os livros didáticos na obra de Estevão Pinto... 106.
2.3 - Os estudos antropológicos sobre o negro em
Pernambuco: o pioneirismo de Estevão Pinto..... 112.
2.4 - A obra etnológica..... 120.
2.5 - Uma possível "co-autoria"ou crítica anônima
para "Os Índigenas do Nordeste"..... 180.

Capítulo III

A BIBLIOGRAFIA

- 3.1 - Etnologia..... 192.
3.2 - História..... 217.
3.3 - Educação..... 238.
3.4 - Literatura..... 251.
3.5 - Traduções..... 263.

CONCLUSÃO 271.

BIBLIOGRAFIA GERAL 279.

ANEXOS

- 1 - Documentário fotográfico..... 314.
2 - As incompreensões de Estevão Pinto pelo trabalho
de Robert Lowie..... 322.

Associação de PUV

115 11-11-11

11 - 11

R\$30,00

Rocha, Jose Maria Tenorio

O silencio conivente Estevão P
into, etnologo . trajetoria in
telectual e opções teoricas

39/R672s/PT

v.2

(2314/92)